

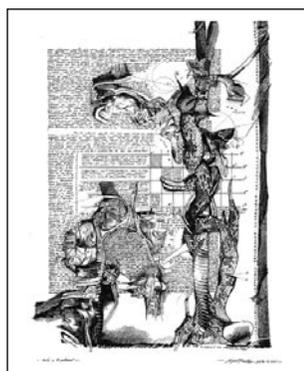
A tradução de um conto de Elaine Mendina, uruguaia pouco conhecida no Brasil, é um dos destaques desta edição do Suplemento Literário de Minas Gerais. A passagem do espanhol para o português ficou a cargo de Sérgio Faraco, experiente escritor gaúcho e antigo colaborador do SLMG, cujo conto, *Um mundo melhor*, publicado no jornal em maio de 2009, ganha o olhar detido na resenha do crítico de arte Jacob Klintowitz, nas páginas 8 e 9.

Outras três resenhas completam o espaço crítico: Márcio Almeida escreve sobre *Como deixei de ser Deus*, de Pedro Maciel, lançado pela Topbooks no ano passado; Hugo Almeida chama a atenção para o mais recente romance de W.J. Solha, *Relato de Prócula*; e Marcos Vinícius Teixeira recupera *Do leito ao jardim*, de Maria Carolina, publicado em 1951, em edição de João Calazans. Trata-se, como anota Teixeira, de um diário (reunião de lembranças e notas), de Maria Carolina, quando esteve internada em hospital, por mais de cinco meses, tendo passado por situação de grande risco.

A edição se completa com os contos de Alciene Ribeiro Leite e Luis Gonzaga Vieira e os poemas de Maxs Portes e Edimilson Pereira de Almeida – um dos mais representativos autores contemporâneos –, e Mariana Botelho, iniciante na área da poesia, mas que já demonstra um olhar sensível sobre as coisas. Publicamos também poemas de Alécio Cunha, como homenagem a este poeta e jornalista mineiro de reconhecida atuação nos temas culturais, que nos deixou no fim do ano passado.

O desenho da capa é do artista mineiro Miguel Gontijo, que no último mês de março teve seus trabalhos expostos no Palácio das Artes. Sua obra é tema do livro homônimo à exposição, “Miguel Gontijo – Pintura contaminada”, produzido pela V&M do Brasil e já lançado em dezembro de 2009 em Paris.

SUPLEMINTO LITERÁRIO



Capa: Miguel Gontijo

Governador do Estado de Minas Gerais
Secretário de Estado de Cultura
Secretário Adjunto
Superintendente do SLMG
Assessor Editorial
Projeto Gráfico e Direção de Arte
Conselho Editorial
Equipe de Apoio
Estagiárias
Jornalista Responsável

Aécio Neves da Cunha
Washington Mello
Estevão Fiúza
Jaime Prado Gouvêa
Fabrício Marques
Plínio Fernandes – Traço Leal
Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza,
Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques
Elizabeth Neves, Aparecida Barbosa, José Augusto Silva
Geizita Mendes, Mariana Novaes, Mariana Piastrelli
Antônia Cristina De Filippo – Reg. Prof. 3590/MG

**Textos assinados são de
responsabilidade dos autores**

Suplemento Literário de Minas Gerais
Av. João Pinheiro, 342 – Anexo
30130-180 – Belo Horizonte, MG
Fone/Fax: 31 3269 1141
suplemento@cultura.mg.gov.br

Acesse o Suplemento online: www.cultura.mg.gov.br

O céu e o inferno de Marina Indarte

Conto de Elaine Mendina

Tradução de Sergio Faraco

Não reconheci a voz. Fazia tempo que não a ouvia, e mesmo só a ouvira, antes, num apressado cumprimento pelos corredores da faculdade ou na arenga um tanto monótona de professor dando aula já cansado. Não tinha sido sua aluna, mas às vezes ansiava ouvindo-o de algum corredor.

O endereço, no entanto, era o dele, e deu o nome, a ocupação, condições de vida, os dados geralmente solicitados quando se pede uma empregada doméstica: “Professor Jorge Torrealba. Para arrumar a casa e cozinhar. Não, não tenho filhos. A roupa mais pesada mando lavar fora. Horário a combinar...” E logo o salário que propunha, o telefone. Repetiu o endereço. Sem dúvida, era ele.

Atendi um cliente que aguardava na linha, fingi que organizava papéis e fichas, e ao encaminhar os pedidos à encarregada separei o de Torrealba, sem alterar a ordem do fichário. Guardei o papel na bolsa e o levei para casa.

Conseguí dispensa do serviço na terça-feira, e às nove, sem um único gesto que traísse meu nervosismo, apertei o botão do porteiro eletrônico. O edifício não era dos piores, embora localizado no caminho do aeroporto e depois de Euskal-Erría, lá onde o Diabo perdeu as botas. Levava comigo o nome e as referências de uma candidata cuja ficha eu consultara, Marina Indarte, e me



perguntava quem seria aquela criatura. As referências eram de dois empregos anteriores. Enquanto subia pelo elevador, me concentrei numa pequena moosa da pintura para não pensar.

Ele me recebeu de jeans e camiseta sem mangas. Um pouco sem jeito, vestiu rapidamente uma camisa e me fez entrar com gestos algo incoerentes. Tinha um copo de uísque na mão. Não deu o menor sinal de que me tivesse visto antes, o que não chegou a me surpreender, e mal passou os olhos nas minhas referências.

Não conseguiria repetir o que conversamos nem que me matassem. Só me lembro de que, quando me chamou de senhorita Indarte, me surpreendi e tive medo de que desconfiasse da manobra. Mas ele continuou falando: que não mexesse nos papéis, pois ele, pessoalmente, arrumava a escrivaninha; os lençóis, trocasse dia sim, dia não... Não me lembro de mais nada. Vinte minutos depois, saí dali quase em colapso, contratada para começar na segunda-feira seguinte.

Ilustração de Isaura Pena

Não sei bem por que fiz isso. Quando a ocasião surgiu, creio que a vi como a única chance de começar a vida. Porque eu não tinha vida, a não ser que se pudesse chamar assim ao movimento mecânico de despertar, tomar café, trabalhar e almoçar em qualquer lugar. E às vezes dormir. Às vezes. Outras, amanhecer diante de um televisor que eu nem via ou com um livro que eu nem lia, sempre a reviver, a reconstituir aquele homem, dando-lhe consistência com cada gesto recordado, com cada palavra e cada inflexão da voz, com cada informação que dele tinha. Informações que guardava com apego de colecionador fanático: divorciado desde muitos anos, pai de quatro filhos adultos, três mulheres e um menino, o caçula. E bebedor contumaz, professor estimado pelos alunos, columnista brilhante em vários jornais e revistas, respeitado crítico literário... e Dom Juan impenitente, apesar de certa história desditosa que terminara numa tentativa de suicídio, por causa de uma mulher casada. Como num quebra-cabeças, e com a paciente e obsessiva dedicação de um escultor à sua obra-prima, eu o construía com retalhos de vida para tê-lo comigo, um pouco, em cada uma de minhas noites amargas. Tinha todos os seus livros, todos os seus artigos de jornal recortados e reunidos numa pasta, isso sem falar nas fotografias tiradas em eventos culturais, aos quais eu comparecia só para vê-lo. Por onde eu andasse me acompanhavam sua figura envelhecida e bondosa, sua longa e absurda cabeleira revolta que já roçava os ombros e começava a rarear sobre a testa, suas longas e belas mãos, o gesto habitual de colocar e tirar os óculos enquanto falava. Conservava até uma folha de agenda onde estavam escritos, com sua letra, títulos de livros recomendados, embora não tivesse feito as anotações para mim e sim para uma colega. Aquilo era doentio e eu me dava conta, mas não conseguia me curar.

Cheguei a tentar, com sinceridade, dar um fim àquela loucura. Saí com vários homens: um antigo companheiro de faculdade, um certo galãzinho de esquina ao qual dei entrada por puro tédio, ou desespero, um chefe de seção da agência de empregos que me fazia pensar: “Esse velho...” E ao mesmo tempo me lembrava de que Torrealba era pelo menos dez anos mais velho do que ele. A única memória que conservo desses encontros: o café esfriando na xícara, a tentativa de manter a expressão facial de acordo com uma conversa que eu não ouvia e da qual participava só com monossílabos. De vez em quando, junto ao meu corpo, outro corpo que nada despertava em mim e me deixava um ressaibo nauseante. E sempre, sempre, a figura encanecida e doce do professor acabava tomando o lugar do homem que eu tinha diante de mim e que, invariavelmente, nunca mais me procurava.

E então aquele pedido de serviço doméstico... Lembrei-me de Lorde Byron: “O casamento está para o amor assim como o vinagre para o vinho”. Claro que aquilo não seria nem mesmo um casamento. Pior ainda: teria deste todo o tédio da domesticidade e nenhuma de suas compensações. Porque eu não nutria nenhuma esperança de seduzir Torrealba. Pelo que sabia, o homem não era excessivamente seletivo. No entanto, parecia não sentir por mim o menor interesse. O que eu queria era

surpreender intimidades que o dessacralizassem, aquelas cuja existência não ignoramos, mas não podemos ver. Queria vê-lo recém-desperto, rosto inchado de sono e de ressaca, ouvi-lo tossir e fazer ruídos vergonhosos no banheiro, ver como sujava as cuecas e meias como qualquer filho de vizinho. Queria surpreendê-lo sorvendo com ruído a sopa, palitando os dentes, pondo os pés sobre a mesa, cabeceando no jornal e com um fiozinho de baba nas comissuras, ou roncando, ou coçando as partes íntimas, ou agressivo, irritadiço, reclamando de qualquer ninharia. Surpreender sua miséria humana, igual à de todo mundo, derrubá-lo do pedestal em que subira, independentemente de nossas vontades, para dominar dolorosamente a minha vida inteira.

Sei que isso não se faz, que essas portas não devem ser atravessadas quando não são franqueadas, mas já não suportava mais. Era humilhante roçar nele de propósito, num corredor, e vê-lo com cara de distraído, de enfasiado, enquanto minha roupa interior se empapava. Era uma questão de sobrevivência.

Deus, foi pior a emenda que o soneto.

Trabalhei exatamente um mês. Via-o pouco e pouco falávamos. Mas conhecia suas alpargatas e suas xícaras, os gastos de sua cozinha e o caos de seus horários. Estava a par da velocidade com que se esvaziavam suas garrafas. E às vezes, na sua ausência, pregava algum botão em suas camisas, sentava-me à beira de sua cama para cerzir suas meias, acariciava, ao guardar, aquelas impossíveis gravatas que pareciam um presente de inimigo. Ele bebia e eu me embriagava: cheguei até a deitar-me em seus lençóis matinais, antes de estendê-los, procurando o rastro de seu calor noturno, a afundar o rosto na umidade da toalha em que se secara, a levar à boca o copo em que bebera. Amei sua amabilidade distraída – se eu fosse trabalhar vestindo uma folha de parreira, ele não teria notado –, seu cumprimento apressado sem sequer me olhar. E chorei de amor, de desesperado e compassivo amor, no dia em que, pela porta entreaberta, vi que tentava enfiar a chave na fechadura do apartamento vizinho, bêbado como um peru. E eu estava tão doente quanto ele. Não tínhamos remédio.

E então eu fiz. Desde semana trazia comigo o frasco de um forte sedativo que me haviam receitado e nunca usara. Talvez até nem fosse necessário, tanto ele bebia. Pelo sim pelo não, coloquei duas cápsulas no copo dele. Bocejou várias vezes enquanto mexia em seus papéis, foi para o quarto e se fechou. Dei-lhe um tempo e abri devagarinho a porta. Dormia vestido, e o braço inerte, pendido até o chão, deu-me a certeza de que o sono era profundo.

Tive muito trabalho para despi-lo. Era um homem corpulento e eu sou uma mulher pequena. Não consegui tirar a camisa, mas com uma tesoura cortei o tecido onde folgava. Foi uma façanha fazer com que a calça deslizasse por baixo das nádegas e creio que ele me ajudou com um movimento involuntário, mas não poderia jurar. Quando o tive com o torso nu e a calça nos tornozelos, fechei a chave a porta da rua e dei início à longamente adiada consumação.

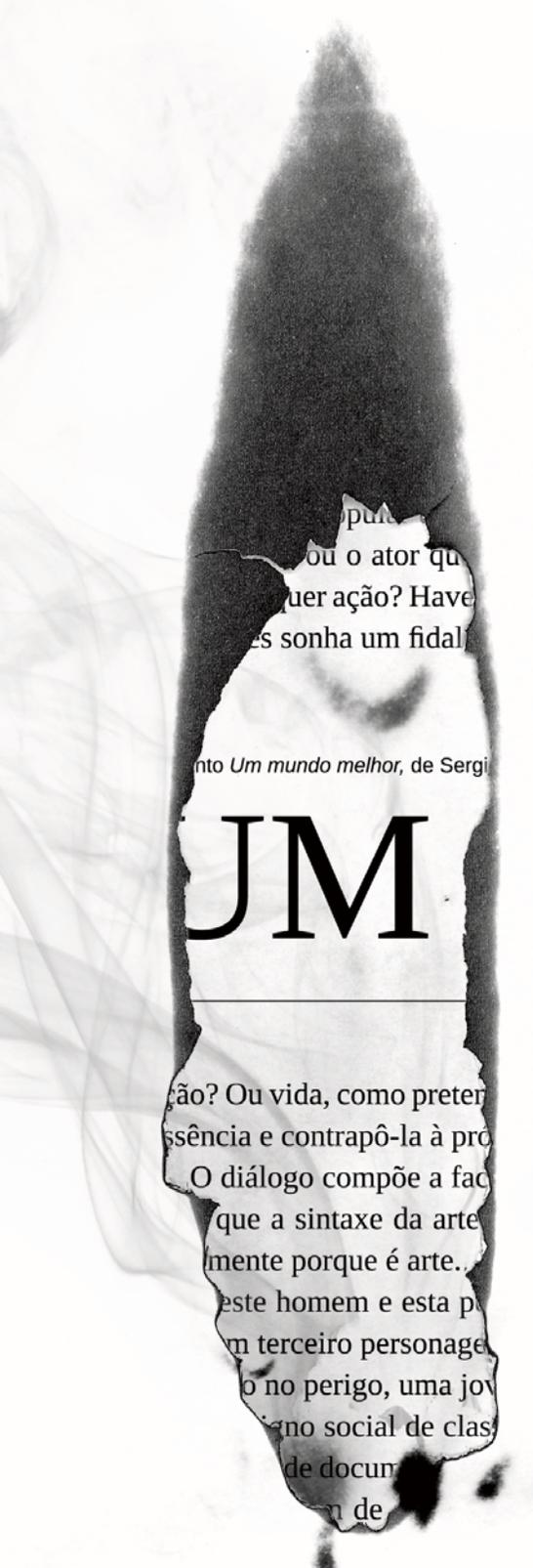
Descalcei-o, tirei-lhe a calça e joguei tudo ao chão. Deixei a cueca. Isso seria depois, muito depois. Tinha tanto o que fazer! Me despi, tomei uma ducha, voltei e me detive a contemplá-lo. Era alto, forte, ainda bonito apesar dos cinquenta e tantos anos e do envelhecimento decorrente do alcoolismo. O longo cabelo branco se desordenara no travesseiro. Como uma criança entre os doces, eu não sabia por onde começar. Quando pequena, sempre quisera saber o que teriam sentido Hansel e Gretel diante da casinha de chocolate. Agora sabia.*

**Rocei as pálpebras fechadas.
Ao fazê-lo, a dor que pulsava
debaixo daquela felicidade
absurda assomou a superfície,
dando uma outra e triste
dimensão a tudo: ele não abriria
os olhos, não saberia que eu
estava ali.**

Ocorreu-me, de repente, que aquilo era uma violação, mas em seguida pensei que mulheres não podem violar e que, enfim, não me importava nem um pouco o nome que se desse ao que eu fazia. Centímetro por centímetro, fui investigando sua desconhecida geografia. O peito era musculoso, com uma ligeira linha de pelos prateados ao centro e muitos sinaizinhos espalhados. Sob o mamilo esquerdo havia um maior, saliente. Molhei-o com a língua. Fui descendo. A carne se afrouxava um pouco no ventre. Mordi devagar, pressionando com os dentes sem machucar e a recorrê-lo com os lábios. Encontrei o umbigo, detive-me a brincar ali. Tinha felpas azuis da toalha e as retirei com a língua. Em seu peito descobri uma marca perfeitamente circular, que por um instante me deixou perplexa. Logo me lembrei. A cicatriz da bala. A bala que disparara contra si por causa de outra, uma tola infeliz que não soubera avaliar sua boa estrela. Beijei sofregamente a cicatriz, como querendo apagá-la, mas permaneceu ali, claro. E as marcas da outra também permaneceriam ali. Eu não apagaria nada. Eu não existia. Estava tão ausente daquele sonho alcoólico e sedado como o estava de seus pensamentos conscientes. Como o estava de sua vida. Comecei a chorar. Descontrolada de dor, de febre, apossei-me de suas compridas pernas, ainda musculosas. Tinha a pele das panturrilhas ligeiramente escurecida, veias salientes – lembrei-me de tê-lo ouvido falar de problemas circulatórios. Afaguei os joelhos, os tornozelos. Cheguei aos pés. Eram bonitos, brancos, bem modelados, as unhas dos polegares excessivamente longas. Mordisquei os polegares, e como um gato brincando

Acaricieei levemente seu rosto, acompanhei com a ponta dos dedos o perfil aquilino de seu nariz, a pele algo flácida dos pômulos. Quase sorri ao me dar conta de que não lhe conhecia a boca, escondida no mata-gal dos bigodes brancos. Com os dedos, separei-os suavemente, tocando seus lábios. Eram finos e estavam ligeiramente arroxeados. Beije-os bem devagar e logo com mais força, minha respiração ficou tão agitada que tive de parar. Ele se mexeu, murmurou algo incompreensível. Conteí, repassando-as com a língua, cada ruga da pele do pescoço, as curvas da orelha. Entretive-me com seus cabelos, penteando-os docemente e tornando a despenteá-los. Comprimi o rosto neles, aspirando-lhes o odor impreciso até ficar sem ar. Rocei as pálpebras fechadas. Ao fazê-lo, a dor que pulsava debaixo daquela felicidade absurda assomou a superfície, dando uma outra e triste dimensão a tudo: ele não abriria os olhos, não saberia que eu estava ali.

Foi essa mesma impotência, a desesperante incapacidade de ter sua alma, que me garantiu uma determinação cruel, deliberada e final. De acordo, Jorge. Só teu corpo. Não posso me apoderar de outra coisa pela força, mas ao menos isso eu terei, longa, demorada e malignamente. Vou te devorar, professor, como a um animal de presa. Vou provar cada pedacinho da tua carne.



penteei com a língua os minúsculos pelinhos de cada dedo. Introduzi a língua entre eles. Lambi a sola e o peito do pé, e com a boca ardendo empreendi o caminho de volta. Ao beijar suas coxas, ele suspirou e murmurou algo. Havia prazer nesse suspiro. Gozei até o último eco do murmúrio, e quando já não havia som algum, prossegui minha febril exploração do paraíso invadido. Retirei a cueca. Uma masculinidade a meio repouso, mas bem dotada, ofereceu-se à minha contemplação. Não era, nem de longe, meu primeiro homem, mas agora me dava conta de que nunca olhara de verdade para nenhum deles. Nunca percebera que num pênis sonolento pode haver a mesma desamparada ternura de um rosto bem-amado em seu despertar pelas manhãs. Eu jamais o veria despertar pelas manhãs. E então tomei o que eu tinha, aquela cega resposta do corpo a um estímulo sem cara e sem nome.

Chorava sem poder evitar, enquanto o montava. Porque não era ele. Era sua pele apenas, sua reação mecânica, sua carne seguindo-me como a um guia de cego, sem saber quem era eu. Eu estava sozinha. Sozinha, cavalgava a amplitude de seu ventre, descia as escarpas de suas virilhas. Sozinha, escorregava em suas depressões, aninhava-me nas tépidas covas gêmeas de suas axilas, percorria seus vales mais íntimos, escalava, beijo a beijo, seus promontórios. Ele não estava ali, nunca estaria. Molhando-o todo com a língua e minhas lágrimas, explorei a face interna das coxas, o púbis. Sempre quisera saber se num homem encanecido os pelos pubianos também eram brancos. Não, não eram. Eram escuros, crespos. Com dedos que eram borboletas acariciei sua semiadormecida virilidade, tomei na palma da mão seus testículos, como a implumes pombinhos. Sua criatura se ergueu levemente e minha boca dela se apossou com infinito cuidado. Está bem. Só teu corpo. Mas é meu. Eu o tomo, meu amor. Não me dás, te tomo.

O jorro do sêmen em meu rosto parecia um protesto. Menos surpreendente do que isto teria sido ver-lhe tirar um ramo de flores debaixo do travesseiro e me pedir em casamento. Não percebera que o corpo dele me seguia no jogo até esse ponto. Me levantei e o olhei. Seria possível que...?

Mas não. Tinha os olhos fechados. Não estava ali. Cega de dor, de amor, de raiva impotente, saltei para o chão e atravessei o corredor até a cozinha. Deixei abertas todas as bocas de gás. Minha bolsa estava

sobre a mesa. Engoli sem água várias cápsulas e voltei, deixando o quarto aberto. Me deitei ao seu lado e, enquanto o cobria e a mim com o lençol, ia dizendo, sem pressa, ao seu ouvido:

— Foi culpa tua, meu amor, de ninguém mais, só tua. Por que te fizeste amar assim? Deixaste crescer o fogo, não fizeste nada... e ele agora te consome a ti também. Vê só, meu amor, já não resta nada por queimar em mim, já não há mais sangue nem mais vida para calcinar, nem mais lágrimas para mitigar a dor e a humilhação. Chorei as últimas agora, sobre teu sono, sobre teus olhos fechados... e o fogo continua. Como é que não te deste conta, meu amor, tão inteligente e tão mais velho, tão Dom Juan e tão homem do mundo, como não previste o que aconteceria...

Já se sente o odor enjoativo do gás, já começa também a tonteira do sedativo. Aperto-me contra ele, faço com que me abracem seus braços inertes. Não quero ir sozinha. Tenho medo, tenho frio, papaizinho. Quero ir agarrada a ti, escondida em teu regaço, aquecida em teu calor. Tu vais comigo. Não te deixo para outra. Tu vais comigo. Vamos juntos, meu amor. Não vou te deixar, bastardo filho da puta, minha alma, meu amor.

ELAINE MENDINA

é uruguaia, nascida no departamento de Artigas. Publicou, entre outros, os livros *Ibrahim e os outros* (1990), *Primera luna* (1991) e *El otro circo* (1992). Reside em Artigas.



Tudo poderia levar a crer que se trata de um conto de ideias, pois a história contém todos os elementos indispensáveis da vida intelectual. Dos três personagens, dois são homens de atividade artística, um é escritor e o outro é diretor de teatro. Há dois cenários, e um deles é um teatro. A ação objetiva tem dois momentos. O primeiro, é um ensaio em que se discute o caráter da representação. A outra ação é inexpressa, uma cena de violência física. E o único diálogo coloca as questões fundamentais sobre a natureza da arte. Entretanto, ainda que o conto “Um mundo melhor”, de Sergio Faraco, obviamente contenha ideias, elas estão subordinadas a um conflito existencial.

Observações sobre um conto de Sergio Faraco

Jacob Klintowitz

Uma obra de arte vale por si mesma, independente de situações externas. Nada justifica uma obra de má qualidade, nem as boas intenções, nem a história da literatura, nem a biografia do escritor. Certamente estes fatores ajudam, algumas vezes, a compreender melhor, mas o contexto e o pretexto não são o texto. Em “Um mundo melhor”, há um dado relevante da história do artista e ele nos dá um indício interessante. Sergio Faraco nos habituou à qualidade do texto e ao empenho obsessivo em deixá-lo reduzido ao próprio esqueleto. Contudo, sempre existiu uma essencial diferença entre a sua vasta produção intelectual e a sua obra de ficção. Enquanto a primeira é marcada pela pesquisa, acúmulo de informações, objetividade e consciência histórica, a ficção alicerça-se no sentimento da vida dos personagens e na intuição do destino que se revela na própria ação. Desta vez, as duas vertentes se convertem num só vetor. O fio condutor é a verdade ficcional, mas ela é alimentada por um complexo emaranhado de informações.

Este dado é relevante no percurso do escritor. É notável este caminho, o texto documental acompanha e enriquece a ficção. Houve um casamento de dois aspectos do Faraco e isto é um fato raro na vida de um escritor. Lendo os textos jornalísticos de Alberto Camus, por exemplo, fiquei admirado de como eles eram não só inferiores, mas de outra

natureza quando comparados com a sua ficção. Estes dois elementos estão integrados em Faraco, o documento e a verdade existencial.

Acredito que o diálogo seja uma invenção grega e Platão o seu paradigma. Nele o diálogo serve para apresentar ideias e, acredito, mostrar pessoas. Mais do que ideias, caracteres. O diálogo em que se apresentam ideias tem sempre uma certa atmosfera artificial. Isto se verifica em Platão ou em Oscar Wilde. E devemos aceitar a artificialidade da situação e a verdade intrínseca que se revela. Também no diálogo básico deste conto somos tentados a perceber o que se esconde entre palavras. Aqui, como nos mestres, o oculto é a intuição dos personagens sobre si mesmo, o véu entremostra o destino.

O diretor de teatro clama pela vida e por uma ação concreta. Não percebe que o teatro é a ação e o texto é igualmente a ação. A torre de marfim, imagem popular do intelectual alienado, não pode conter o escritor que escreve ou o ator que representa. Por que esta ação seria inferior a outra qualquer ação? Haverá maior verdade no ato de comerciar? Quando Cervantes sonha um fidalgo letrado que sonha ser Quixote, isto não será

Ou seja, a história tem um caráter ambíguo, como é da natureza da arte. E a vida social, que alguns entendem como a realidade, tem este mesmo caráter ambíguo. É o que nos revelam a mitologia ancestral, as escrituras sagradas, a psicologia e a física quântica... Pretender a certeza é uma pobre ilusão. Em nossa literatura, isto pode ser exemplificado no que de melhor escreveu Machado de Assis. O conto “Missa do galo” não terá esta mesma ambiguidade? O que sabemos daquela conversa fremeante entre a mulher e o jovem? É um conto de uma extraordinária sedução, mas sobre o caráter desta sedução é o que nos perguntamos. E até mesmo sobre a concretidade do acontecimento, desde que não consideremos o sonho uma concretidade suficiente, o que não é a minha posição.

Resta ao personagem, o que conduz a história, a recuperação de sua identidade interior, aquela que não depende do exterior. Ele refaz ou faz o incidente e o relata-escreve para Russo. Neste conto, no qual o personagem não tem nome, ele se encontra consigo mesmo ao perceber o caráter literário de sua narrativa e ao desejo de autotransformação. Se assim o fizer poderá ser o autor que deseja. Neste universo descrito por

O conto *Um mundo melhor*, de Sergio Faraco, foi publicado na edição no 1.320, de maio de 2009, do SLMG.

UM MUNDO MELHOR

ação? Ou vida, como pretende obtusamente o diretor ao tentar obter outra essência e contrapô-la à própria estrutura da obra de arte.

O diálogo compõe a face do personagem à perfeição. O escritor percebe que a sintaxe da arte é a justificativa estética. É verdade e é vida justamente porque é arte.

É este homem e esta percepção que se defrontam com a violência e com um terceiro personagem, inexpresso, é claro, cujos olhos anunciam um gozo no perigo, uma jovem loura. É ela que deseja levar incólume o casaco, signo social de classe e de proteção. Diante desta ação, despido do casaco, de documentos e dos cartões de crédito, e dos sapatos, o escritor, um homem de saber, perde a sua identificação externa, o reconhecimento do mundo. Ele não só é a vítima, mas é ninguém. Um homem atacado no mar por um tubarão não sente de repente que é, naquele universo que visita, apenas comida?

O final do conto, no qual ele inventa um desfecho para a história, é um conto dentro de um conto, pois o que ele faz é escrever. É a correção literária à qual o conto alude. E este final, por outro lado, pode ser entendido como um simples mecanismo compensatório. Ou pode mesmo não estar ocorrendo, pode ser que ele invente ter inventado o que teria realmente ocorrido.

Faraco, em que todos estão num tempo imóvel – os executivos no elevador, Russo no seu quarto conceitual, a loura assaltante no seu continuum de miséria, nos cenários imóveis que se chamam hotel e teatro, o sem nome é o único que se coloca no fluxo do tempo e se projeta num vir-a-ser que depende apenas de si mesmo.

É um tema medieval o diálogo entre “Todo mundo” e “Ninguém”. Nós podemos encontrá-lo em muitas representações teatrais, inclusive em Gil Vicente. Como é um tema da Renascença a percepção de que a vida é sonho. Aliás, também em nosso período muitos autores retomaram esta percepção, como Carlyle e Jorge Luiz Borges. A filosofia idealista sempre tratou a vida como um pálido reflexo. Em Faraco estes temas estão inseridos numa forte estrutura narrativa que se apresenta enganosamente fragmentária em diálogos e dois cenários, e na qual ele ilumina três intuições, a necessidade da identidade interior, a verdade da poesia e o destino individual como vontade.

JACOB KLINTOWITZ

é gaúcho de Porto Alegre, crítico de arte e curador do Museu Brasileiro de Escultura. Autor de mais de uma centena de livros, reside em São Paulo.

Reprodução da plaquete "Memória de Mim",
com foto de Marcelo Prates

Alécio Cunha

Em meu fim está meu princípio. (T.S.Eliot)

GEOGRÁFICA

desesperar resposta
desesquecer o tapa
rosto dói
mói a faca
mão à força

sumir do mapa

GÊNESE

Maio, 1980.
O primeiro poema
Feito para ela
(jamais mostrado)
Que se casou
E teve filhos.

PERNA DE PAU

sonha
o drible o gol
a torcida

acorda
o verde-amarelo
da camisa
agora, pijama

ri
o poeta
não pode
o poeta
não deve

pelé é
para poucos

LACUNA

matéria da qual não somos feitos
artéria de memória
história fugidia.

forma
em transe
em tudo
se transforma.

revista,
a vida
nega,
disfarça
o poema
que não houve.

palavras páginas
anexos
sem nexos.



ESBOÇO

Silêncio e reticência
ódio ao ponto final
fins não justificam
meios
meus medos
modos mudos

A dor não cabe no cartão-postal

PALÁCIO DA LIBERDADE

tempo estável
sujeito a trovoadas
miro o muro
e nada

SÃO DOMINGOS

de repente,
o mundo
é
um
sorvete

GEOGRÁFICA – (Lírica Caduca, Alécio Cunha, 1999, Por Ora, Belo Horizonte/MG)

GÊNESE – (Mínima Memória, Alécio Cunha, 2007, Scriptum, Belo Horizonte/MG)

PERNA DE PAU – (Pelada Poética, plaquete-antologia organizada por Mário Alex Rosa e Welbert Belfort, 2006, Scriptum, Belo Horizonte/MG)

LACUNA – (POESIA-REVISTA, plaquete-antologia organizada por Mário Alex Rosa, 2008, Editora Revista, Belo Horizonte/MG)

ESBOÇO – (PORTUGUESIA contraantologia: Minas entre os povos da mesma língua, antropologia de uma poética, organização Wilmar Silva, Anome Livros, Belo Horizonte/MG)

PALÁCIO DA LIBERDADE – (SINTAXE URBANA, INÉDITO, PRELO, ANOME LIVROS, 2010)

SÃO DOMINGOS – (SINTAXE URBANA, INÉDITO, PRELO, ANOME LIVROS, 2010)

ALÉCIO CUNHA

mineiro de Boa Esperança, morreu em outubro de 2009, aos 40 anos de idade. Era jornalista e poeta, e deixou publicados os livros *Lírica Caduca* (Por Ora, 1999) e *Mínima Memória* (Scriptum, 2007).

Humilhação prévia

Conto de Alciene Ribeiro Leite

Manhã de segunda-feira

O homem, perplexo, balança-se no próprio eixo pela rua que recende alvorecer. Não se sabe sem a gravata segunda-feira, é um corpo nu à paisana; e a pasta de trabalho em casa diz da sensação de maneta. Amanheceu um pêndulo humano, sem norte, sem tudo: o emprego, a dignidade, a moral, quem sabe também Solange.

— Você é um fracassado – ela disse. Era sexta-feira à noite.

Janelas, passantes apressados e olhares de viés testemunham a derrocada. Nas ligeiras bocas sem bom dia dói a indiferença, igual doeu o desprezo no canto da boca de Solange. O fim de semana hostil deitou tentáculos ao bairro. As áreas urbanizadas transpiram seu tempo na construtora, mas nenhuma é solidária com ele.

O primeiro dia útil-inútil traduz bem dois terços de vida deletados. O homem veste o uniforme e contempla o vazio da segunda-feira nas mãos: uma tragédia com início e meio, à procura de desfecho indolor.

Solange é o anestésico para a repentina amputação dos brios, mas. A mulher ignorou o pedido cabisbaixo de socorro na sexta-feira e sonegou o prêmio de consolação. A pecha de insensível diante do revés barrou o tatear do prazer nos lençóis. Um hiato ao vexame, só isso, à incômoda dependência do sindicato, FGTS e seguro desemprego. Ela é outra possibilidade de perda apertada no peito, juras no altar abonam-se com carteira assinada. Ponto.



Sexta-feira fatídica, fim de expediente na construtora

Em cinco minutos ruíram anos de pontualidade e onipresença, redondas horas extras jamais reclamadas. Perdia espaço, literalmente, mas agarrou-se ao vínculo afetivo com o patrão, e minimizou a unilateralidade do querer bem. Alguma tensão anulava-se ao seu cumprimento. Afinal cresceu com a Empresa, é parte da estrutura.

Ideia de Solange, ele teimar com a casio, máquina eletrônica cheia de mistério, em detrimento da velha olivetti de estimação.

— Relíquia de museu – ela falou. — Você tem de acompanhar as mudanças, se atualizar – mais acusação do que incentivo.

O homem desvendou alguns enigmas da esnobe de pavio curto, que não rebobinava a fita importada e comia dólares do caixa. Por fim achou um jeito pirata de re-aproveitar os cartuchos e economizar dinheiro.

Adiantou o quê? A parafernália computadorizada entronizou-se nos seus domínios sem pedir licença. E tome desperdício de papel, tinta, eletricidade. Caras novas recém-saídas dos meandros da informática, ideias inovadoras, versus seu tempo de Casa e certas deferências endossadas por antiguidade.

Mero expectador da invasão da modernidade, o homem exilou-se na mesa do fundo com o empenho funcional algo abatido. Cristalizou-se na exclusão, um apêndice descartável, mas perseverou em minúcias de tarefas jamais solicitadas.

O fiasco em letras maiúsculas. Palma alguma saudou a saída de cena. Discretas vaias e risinhos na ribalta, nenhum pio nos bastidores. Quem haveria de historiar o por detrás do drama? Rebaixado a coadjuvante, os ombros curvaram-se ao peso da rubrica mal e mal no aviso prévio.

T a r d e

Um bar, o amainar da dor intestinal, ou enlouquece.

O homem foi poupado dos trinta dias de humilhação prévia na construtora. Deviam-lhe isso, senão pelas férias vendidas e nenhuma falta ao trabalho, pela honestidade, lisura e cuidados extras. Ninguém mais alinhava carbono no bloco, arrumava gaveta ou prestava servicinho de rua para colega. O cesto de lixo limpo, luz não alumia sala deserta, pingo de torneira nunca, pó de café sopitava na lata, e ele – Às ordens!

A tarde anoiteceu nula e bêbada.

Passos sem quê fazer rangem na viela de terrenos baldios. Há quanto tempo o homem vaga por distâncias inexploradas? Terra e areia na sola do sapato, cisco imaginário nos olhos, a lágrima, substantiva. A demissão dói como um tapa na cara.

Ele dividira-se, metade família, metade Empresa, e desde sexta-feira resta um trapo de gente no quociente. O zero de si mesmo, no sentido de limite e abandono. Um nada, não fosse o nó na garganta, a superficialidade do relógio no punho e as sobras interiores. O não de cabeça tangencia a identidade. Por ora.

— Uma cerveja! – o sombrio botequim de periferia contrasta com o luzir do poste à soleira da porta. Aleluias evoluem em torno à luz e um tapete brilhante ofusca a vista. Bonito feito véu de noiva. Solange.

Noite alta.

C O M P R I D A

Passos incertos, devaneios. A freada chiou palavrão às costas do homem. Transgrediu direito pedestre na avenida de faixas amarelas, que ondulam estreitas ao olhar alcooliado. O xingo ainda mais feio por resposta o pacífica.

Novo bar, por escarmento do susto, da auto-estima agonizante. Os cabelos de Solange na menina do amendoim torrado. Adoraria a miniatura da mulher madrugada afora, mas o vozerio ambiente afronta o coração genuflexo. Foge nocauteado pelo sacrilégio no mesmo andar autômato ao crepúsculo da última sexta-feira.

Primeiro minuto de terça-feira.

Alheio ao tráfego vizinho, um dos raros redutos de calmaria fervilha em festa. Alívio pela expulsão do time, que condena à morte tais lugares, bruxuleia no estômago do homem. Coisa pouca. O barulho, a rua conspurcada indigna o ânimo em baixa na carteira de trabalho. Ele resfolega, e o som retine nos ouvidos, martela o peito, ecoa nas têmporas, relampeja nos olhos. O homem periga igual a via arborizada nos arrabaldes do progresso. Mal e mal apoiado numa árvore, fixa vidraças trementes ao impacto ruidoso. Provocação pura. Tem de responder à altura, mas tudo gira, como há de? Epicentro sonoro rege-se pela estridência.

O canto de sereias virtuais convida o homem, ulisses liberto do mastro-contracheque. Ele deixa-se levar/cair num ajoelhar abraçado ao tronco, e rói a gravata burocrática. Aquieta-se, um fio de baba no queixo. Intervala-se antes do amontoar, trouxa humana. Freme sobre raízes, intra-uterino,

enquanto a noite madruga. Do lado oposto o claro despeja-se diagonal e vítreo, e nina o meio coma sob a folhagem.

Uma risada arranca-o à catalepsia alcoólica e, no sobresalto, percebe a pedra debaixo da mão. Os demais sentidos desmaiados, o tato alerta, apesar. Malícia e gozo na carícia, ideia brota desde as entranhas. Arroto fermentado aguça o prazer do revide em gestação.

O homem digita recado no minério, um lento tamborilar em abstratas teclas olivettis. Saboroso alisar datilográfico, cada palavra, letra, ponto, vírgula. Um parágrafo entre realidade e delírio. A uma fígada no peito apossa-se do real em texto corrido. Aperta a pedra, assina o bilhete e toma-a, em dores, na palma da mão enrijecida. Mas sabe-a lisa e dócil ao comando das garras, tenazes.

Penoso erguer-se num só braço, guindaste vivo. O outro cuida da pétrea redenção. Parte da vertigem estiola-se na brisa amanhecendo. O homem pisca miúdo, respira demais e prepara o resgate dos brios aviltados. Num esgar mira o alvo e antegoza o vôo por decolar.

Linha de ódio cintila entre as pálpebras meio cerradas. Mão esquerda na perna flexionada, a direita empunha o petardo em lenta gangorra. No balanço o arremesso simula, uma, duas, três vezes. Boca crispada, o comandante-em-chefe do vôo anárquico impõe-se ao circo e afrouxa os dedos. A pedra se solta com leve atrito e zune em curva sob as estrelas.

A embriaguez do homem tem nome de poder.

S e g u n d a - f e i r a

ALCIENE RIBEIRO LEITE

é autora, entre outros livros, de *Eu choro do palhaço*, *Filho de pinguço* e *Tecelã de sonhos*.



RETIFICAÇÃO

Esclarecemos que o poema ao lado, publicado como vinheta do texto de João Antônio de Paula, no especial "Coleção Mineiriana" — SLMG n° 1.327, de dezembro de 2009 —, é de autoria do senhor Carlos Ávila.

Um gerânio no jardim do hospital

Marcos Vinícius Teixeira

Como nos informa Philippe Lejeune, em seu livro *Le pacte autobiographique*, diário e memórias são gêneros vizinhos, ou seja, embora possuam características específicas, que os distinguem, possuem também pontos de contato, que os aproximam. O livro *Do leito ao jardim*, de Maria Carolina, foi classificado em sua única edição, de 1951, como diário. Já o crítico Renard Perez o classificou como “memórias de hospital”. A autora, por sua vez, chamou seu texto de notas, fugindo assim a uma classificação de sua breve obra, também chamada por ela de plaquete. O livro, que seria melhor classificado como diário, pela proximidade que há, no tempo, entre o narrador-autor e os fatos narrados, não apresenta as datas em sua divisão, característica marcante do gênero. Em alguns trechos, algumas lembranças são apontadas, como no episódio em que se narra o vento derrubando as mangas mais altas do pé, na fazenda. Prevalece, entretanto, as características do diário.

Como registrou corretamente Renard Perez, trata-se das lembranças e das notas, melhor dizendo, feitas por Maria Carolina, quando esteve internada em hospital, por mais de cinco meses, tendo passado por situação de grande risco. As anotações foram feitas já no período final de internação, quando a autora se encontrava em convalescença. Um momento crucial durante sua estadia no hospital parece ter sido a retirada do baço:

Ontem no elevador um senhor que mal conheço perguntou-me:

— Como é possível viver sem baço?

— Tanto é possível que aqui estou.

A resposta mental foi essa: Seu idiota, vivo melhor sem o meu baço do que você com a sua estupidez.

Por muitas vezes terei que ouvir essa pergunta. Também eu não sei. (p. 45)

Como se pode observar, o leitor se depara não só com o cotidiano de um hospital, mas com as impressões da autora sobre os acontecimentos que a cercaram. Pode-se dizer, entretanto, que a maneira como aborda tais episódios é literária, o que, talvez, ainda não tenha sido enfatizado pelos críticos. Cabe ressaltar ainda que o livro, praticamente, não foi comentado pela crítica e que o seu acesso hoje é muito difícil. Não sendo encontrado na maioria das bibliotecas de grande importância no Brasil.

Evidentemente, a preocupação com a verdade não deve ser esquecida quando lemos o texto de Maria Carolina. É justamente isso que a fez rever as notas depois que deixou o hospital e publicá-las em livro: “As notas nem deram para um livro, apenas uma plaquete magrinha que ficará como um *sintoma* a mais para enriquecer a anamnese; mas talvez venham elas trazer algum bem aos desalentados enfermos por esses leitos de hospitais” (p. 08).

Há, no entanto, um trabalho com a linguagem que impressiona no livro. O uso de ironia, as comparações que faz e a maneira como aborda os episódios reais de um hospital, fazem-nos esquecer do cheiro característico, do leito, e pensarmos mais no jardim de inverno citado na obra.



É comum atribuímos à qualidade de permanência de um texto o seu caráter literário. Poderíamos nos lembrar aqui dessa mesma relação em textos como a *Carta*, de Pero Vaz de Caminha, o livro *Minha formação*, de Joaquim Nabuco, ou as memórias de Pedro Nava.

No entanto, livros como *Do leito ao jardim*, de Maria Carolina, ou *Menino feliz*, de seu irmão Paulo M. Machado, não conseguiram projeção e não foram reeditados, embora possam ser chamados de literários. Percebe-se assim que a permanência de um livro de memórias está evidentemente relacionada à importância que seu autor teve em vida ou à importância que os fatos narrados têm ou tiveram.

Assim como ocorre com seu irmão Paulo, *Do leito ao jardim* parece ser hoje a única fonte para uma pesquisa sobre a vida de Maria Carolina. É suficiente, no entanto, para percebermos que se trata de pessoa que teve a vida marcada por um episódio específico: sua internação de grave risco. Quem poderia se interessar pelos momentos vividos pela autora? Como responde a própria escritora, no início do livro, possivelmente os enfermos que se encontram nos hospitais, em situação semelhante à passada por ela.

Essa característica da obra parece tê-la reduzido a uma espécie de “literatura de hospital”. É preciso rever, entretanto, o seu caráter literário. Para mostrarmos um pouco, analisaremos agora dois trechos seguintes da obra.

Vejamos, no primeiro trecho, como Maria Carolina relata o dia-a-dia do hospital ao comentar a morte de uma mulher parturiente:

Às cinco horas da tarde ecoa pelo quarto andar um fortíssimo grito de homem, como se alguém tivesse enlouquecido naquele instante. Depois contaram-me tudo; a coisa se passou no terceiro andar destinado à Maternidade: a jovem parturiente acabava de morrer esvaída em sangue; o filho já se fora. O marido investe furioso contra o médico. Nada de “vontade de Deus”, nem “fatalidade do destino”; ali estava o assassino da esposa. Perdoai-lhe, Senhor, porque ele está cego pela dor e pela ignorância. Mas convém que de hoje em diante, os médicos, de comum acordo, se utilizem do fórceps como arma branca de defesa pessoal. (p. 12–13)

Como se pode perceber, não se trata de um simples relatório ou um simples registro diário sobre os dias passados no hospital. A maneira como a autora emprega a ironia aconselhando os médicos e pedindo perdão a Deus, pelo homem, lembra-nos certos poemas de Carlos Drummond de Andrade e Oswald de Andrade. Lembra-nos ainda o livro *Cadernos de João*, de seu irmão Aníbal Machado. Há, no entanto, o diferencial de o fato relatado ser verdade e de a narradora ser uma paciente. Impressiona a forma como consegue se distanciar do fato e ironizar a situação vivida pelo médico, que deve usar o fórceps como instrumento de defesa pessoal. O texto consegue ser trágico e irônico ao mesmo tempo.

O parágrafo que se segue a esse no livro trata de um pedido de informação:

No hospital também se ama: o interno e a mocinha que acompanha a mãe doente. Ontem à noite, entrou apressadamente uma senhora no meu quarto e perguntou-me:
— Pode informar onde se acha o interno?
— Agora, minha senhora, ele deve estar no plantão do amor.
— Onde fica esse plantão?
— No “jardim de inverno”, ao lado do primeiro gerânio, à esquerda. (p. 13–14)

Além desse modo poético de narrar sua estadia no hospital, que está presente em todo o livro, Maria Carolina também realiza um diálogo com a literatura. Temos assim uma intertextualidade com a obra de autores como Rimbaud, Rilke e Fagundes Varela. É curioso observarmos que, num desses momentos em que se faz referência a obras de outros autores, Murilo Mendes é citado para expor uma consideração acerca de poesia que Maria Carolina está de acordo:

Leio no “O discípulo de Emáus”: Viver a poesia é muito mais necessário e importante do que escrevê-la”.

Sim, poeta Murilo, é mais necessário e o mundo anda cheio de autores de milhares de versos que nunca viveram a poesia e nem sequer a sentiram: Merecem o título de poeta? São os falsificadores da arte, os snobs, os fazedores de frases que tornam abomináveis as rodas literárias. Podem viver a poesia os que possuem a capacidade de captar a emanção poética das coisas simples da vida, do cotidiano. (p. 22–23)

Esse último comentário de Maria Carolina, de que podem viver da poesia os que a percebem na vida, no próprio cotidiano, deve ser relacionado à própria autora e sua situação de interna em hospital. Em todo o livro encontramos uma visão de mundo que difere do que os acontecimentos no hospital poderiam suscitar. O quarto da escritora é o mais alegre daquele andar em que se encontra. Sua filha dança em certos momentos do dia, alegrando o lugar. A paciente tem vontade de pregar um aviso na porta, pedindo às visitas que lhe transmitam alegria, pois ela tem vontade de viver.

Outra relação que se pode traçar com o comentário acima diz respeito à própria linguagem do livro, ou melhor, à maneira como Maria Carolina traduz o cotidiano do hospital para um texto repleto de esperança. Nesse sentido, pode-se pensar o comentário analisado para a própria autora, que possui “a capacidade de captar a emanção poética das coisas simples da vida”.

O diálogo que mantém com as obras literárias também se estabelece por uma ideia de oposição, como é o caso de Emily Brontë:

Que rodopio louco deve estar lá fora. Quando era menina, gostava de ficar olhando nas horas de ventania, a correria das folhas secas e detritos de papel pelas ruas; arbustos frágeis curvarem-se até o chão. Emily Brontë concebeu aquele tenebroso “Morro dos Ventos Uivantes”, porque vivia numa charneca e nunca presenciava a graça do bailado das árvores impulsionadas pelo vento. (p. 34–35)

Aos poucos Maria Carolina se recupera e começa a caminhar pelo hospital. Ao mesmo tempo reaprende a andar e a gostar da vida. O título da obra é justamente o objetivo que a autora terá que cumprir, ou seja, o percurso que vai de seu leito ao jardim: “O objetivo é atingir o jardim de inverno que dista uns oito metros do meu quarto” (p. 15). No caminho de volta para casa todo cuidado com a saúde é pouco, pois Maria Carolina aderiu de fato à vida. É curioso observarmos ainda que a última frase de seu texto pode ser relacionada ao fato de poder continuar a viver após a retirada de um órgão. Frase que marca também o fim de uma fase e o início de outra: “O *flamboyant* morreu mas a azaleia e o estefanote estão cobertos de flores!” (p. 49).

Bibliografia Seleccionada

CAROLINA, Maria. *Do leito ao jardim*. Belo Horizonte: João Calazans, 1951.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Éditions du Seuil, 1975.

MACHADO, Aníbal. *Cadernos de João*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

MACHADO, Paulo M. *Menino feliz*. Belo Horizonte: Movimento-perspectiva, 1965.

PEREZ, Renard. Aníbal Machado: vida e obra. In: MACHADO, Aníbal. *João Ternura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

MARCOS VINÍCIUS TEIXEIRA

é doutorando em Literatura Brasileira pela USP e autor de *Os deuses comem pão* (2006).

SILÊNCIOS ARDENTES

Mariana Botelho

Três estudos sobre o silêncio

I

ficamos imóveis
diante do imenso
pássaro de pedra:

silêncio

sólido impassível belo

falamos
e ele assume-se leve
ave emplumada

num vôo de morte

II

nalgumas coisas o silêncio
canta

noutras arde

em mim

III

no fundo da noite
o silêncio
canta

tarde
o escuro morre
ele agita a carne
morna e
voa –

essa ave
nua



amanhecer

ter o silêncio incrustado de
pássaros

vê-lo desfazer-se logo em
crianças

sentir-se pleno de
chuva nos
olhos

gruta

um corpo feito de aberturas
onde
silêncios entram
saem
como águas de longe

fonte

foz de um rio

vozes

janelas

às vezes prefiro
a solidão
das janelas

de onde esses
morros
se reproduzem feito
ecos

de onde
minha magreza ávida
pende

e se insinua

para Claudio Bento

querido amigo

perdão se eu não sobreviver

bem sabes que são poucos
os caminhos

mas tu tens um rio –
e ele soluça sob a ponte

cachorros magros
e carros de boi
não nos abandonarão

como o medo
a solidão resiste ainda
ao primeiro sopro
daquela velha quimera





Ilustração de Sebastião Miguel

dor

cada dor
que passa
arranca lascas
desses ombros frágeis

fico cada
vez
menor
quando essa dor
me escreve

espelho

Me olha o que eu olho
(Octavio Paz)

do outro lado de onde olho
alguém me abre

e eu dou-lhe a beber
de minhas ardências
nas taças de meus
desolados vãos

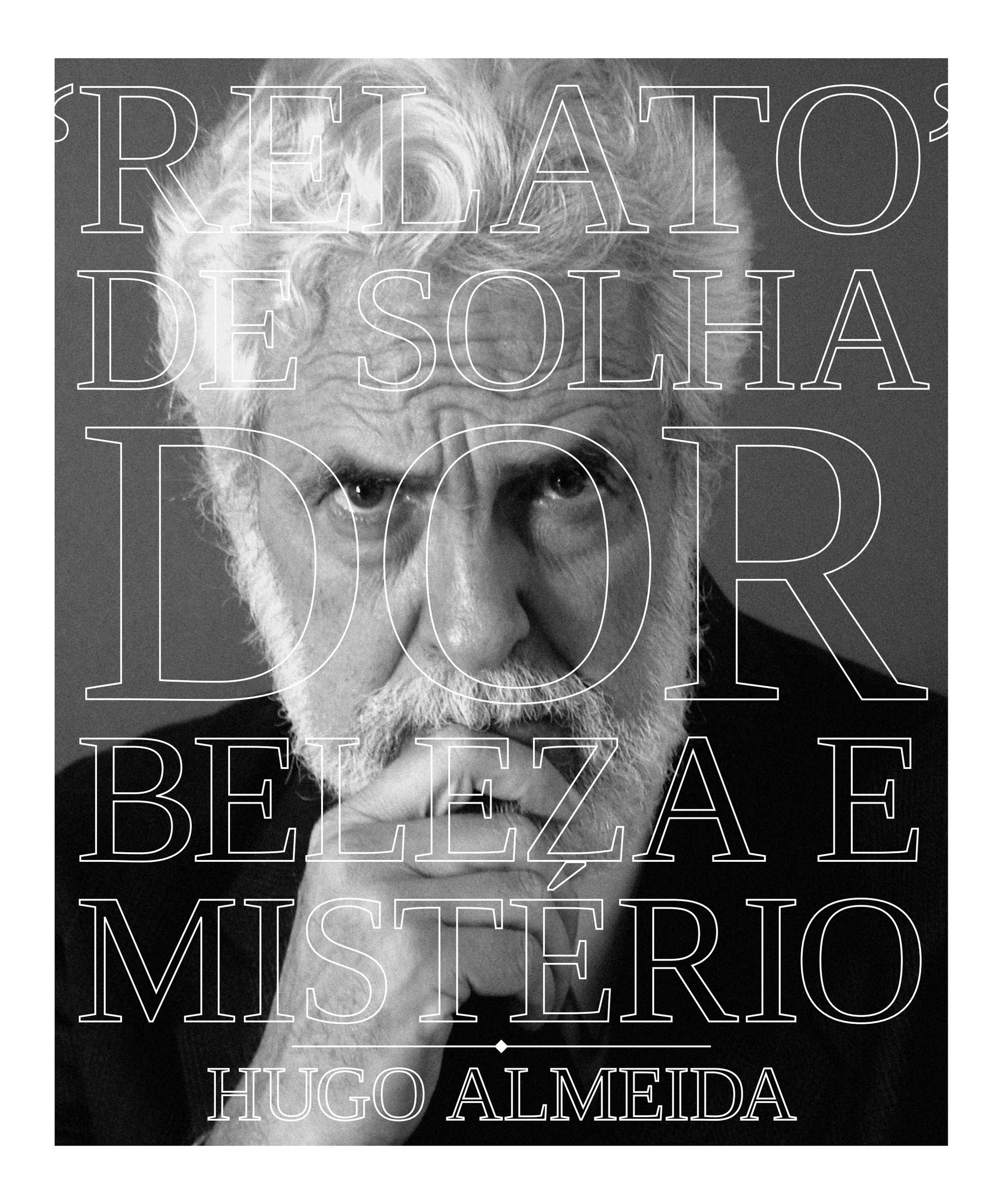
na profundidade dos
meus vazios
ardo

tremo

: faço
parte dessas coisas
coisas que me queimam

MARIANA BOTELHO

tem 26 anos e nasceu no Jequitinhonha,
norte de Minas. Seu primeiro livro de poemas
será lançado pela Ateliê Editorial.



REFLATAO'S
DE SOLHA
IDOR
BELEZA E
MISTERIO

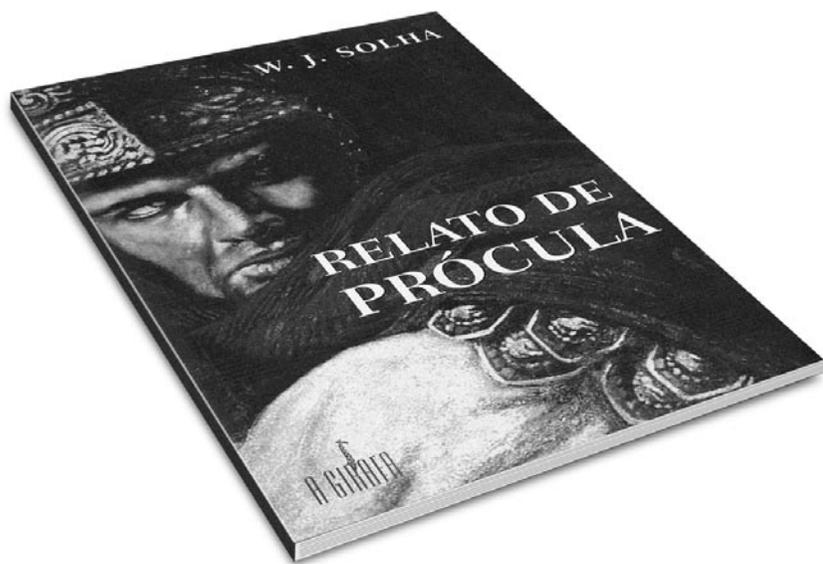
HUGO ALMEIDA

Fotos de Andréia Solha

Comunhão de gêneros e artes, o mais recente romance de W.J. Solha (1941), *Relato de Prócula* (A Girafa Editora, 208 páginas), pode ser lido como uma síntese da obra desse paulista de Sorocaba radicado em João Pessoa. Solha deve ser um caso único na literatura brasileira. Artista de talento múltiplo, visceral, é escritor, pintor e ator. Escreve prosa, poesia e teatro – tudo de alto nível. Em dezembro, estreou, no Teatro Santa Isabel, em Recife, a ópera *Dulcineia e Trancoso*, que concebeu para o maestro Eli-Eri Moura.

Waldemar José Solha tem cerca de dez livros publicados, a maioria de ficção. Estreou em 1975 com o forte romance *Israel Rêmora ou o Sacrifício das Fêmeas*, Prêmio Fernando Chinaglia no ano anterior (o livro merece reedição urgente). Em 2004 publicou o longo e fascinante poema *Trigal com Corvos*, Prêmio João Cabral de Melo Neto, da União Brasileira de Escritores-RJ, no ano seguinte. No final de 2005, a Bertrand Brasil editou o magnífico *História Universal da Angústia*, coletânea de novelas sobre figuras históricas ou mitológicas, como Lucas, Édipo e Hamlet. Solha participou de filmes como *Soledade*, *Fogo Morto*, *O Salário da Morte*, *Lua Cambará*, *A Canga e Bezerra de Menezes*, *Diário de um Espírito*. Já produziu mais de 200 quadros. Seu painel *Homenagem a Shakespeare* (3,20m × 7,20m, acrílico sobre tela) está no auditório da reitoria da Universidade Federal da Paraíba e o premonitório *A Ceia* (1,60m × 3,60m), sobre a queda da União Soviética, encontra-se no Sindicato dos Bancários da Paraíba.

No *Relato de Prócula* (o quadro da capa é de Solha), o escritor apresenta uma faceta do Nordeste até então ausente na literatura brasileira. Que se abandone de vez o inconstitucional preconceito de origem: a Paraíba é culta e bela, sim senhor. E lá nasceram muitos dos notáveis deste País, como Solha frisa no livro: Ariano



Relato de Prócula – W. J. Solha
A Girafa Editora

Suassuna, Augusto dos Anjos, José Américo de Almeida, Antônio Dias, João Câmara, Pedro Américo, Assis Chateaubriand, José Lins do Rego, Celso Furtado, o maestro José Siqueira, Walter Carvalho, Sivuca, Jackson do Pandeiro, Geraldo Vandré, Paulo Pontes, Elba e Zé Ramalho, Chico César, Vital Farias etc.

Relato de Prócula não é regionalista, não é um brado contra a injustiça social (há isso, mas não só) ou o isolamento da região, nem é monotemático, como o romance dos anos 1930. Trata-se de uma obra universal, múltipla, ambientada na Paraíba, em conexão com o mundo, seja pela literatura ou pelo cinema. O que desponta nesse novo livro de W. J. Solha é um universo culto e sensível. Seus sertanejos são grandes leitores, cinéfilos apaixonados, gente simples, inquieta e inteligente que conhece os clássicos da literatura e do cinema. E produz arte, como Solha.

Quando chegou a Pombal, em 1962, para trabalhar no Banco do Brasil, nem de longe ele imaginava que encontraria ali ambiente ideal para tornar-se artista. É certo que já pintava na adolescência, mas foi no sertão paraibano que desenvolveu o talento de escritor, dramaturgo e ator. Em Pombal, Solha conviveu com alguns dos personagens do *Relato de Prócula*, como o padre Martinho Lutero, o dr. Atêncio Wanderley, Horácio de Freitas, todos cultíssimos e cinéfilos, as encantadoras Marias Grande, do Meio e Pequena, Maricô, Téu, e a poetisa Corrinha etc.

Relato de Prócula, seu melhor romance, trata dessa gente boa, criativa e fraterna, e – de um modo curioso – de Cláudia Prócula, a mulher de Pilatos, mas a figura central do livro é o padre Martinho, que sofria com as “vacilações da fé” e se deleitava em companhia de várias mulheres em sua fazenda de nome simbólico, Mundo Novo. O tema religioso é recorrente na obra de Solha – Cristo como mito está no romance *A Verdadeira Estória de Jesus* (Ática, 1979) e na novela “A Angústia de Lucas”, de *História Universal da Angústia*. Agora o escritor faz com maestria apurada o que é próprio da literatura moderna, reflexo do mundo de hoje: a fragmentação, “o equilíbrio oscilante” na forma, mas de uma “oscilação segura”, como diz Georg Lukács em *A Teoria do Romance*. “Iniciado o caminho, consumada está a viagem”, afirma o filósofo húngaro.

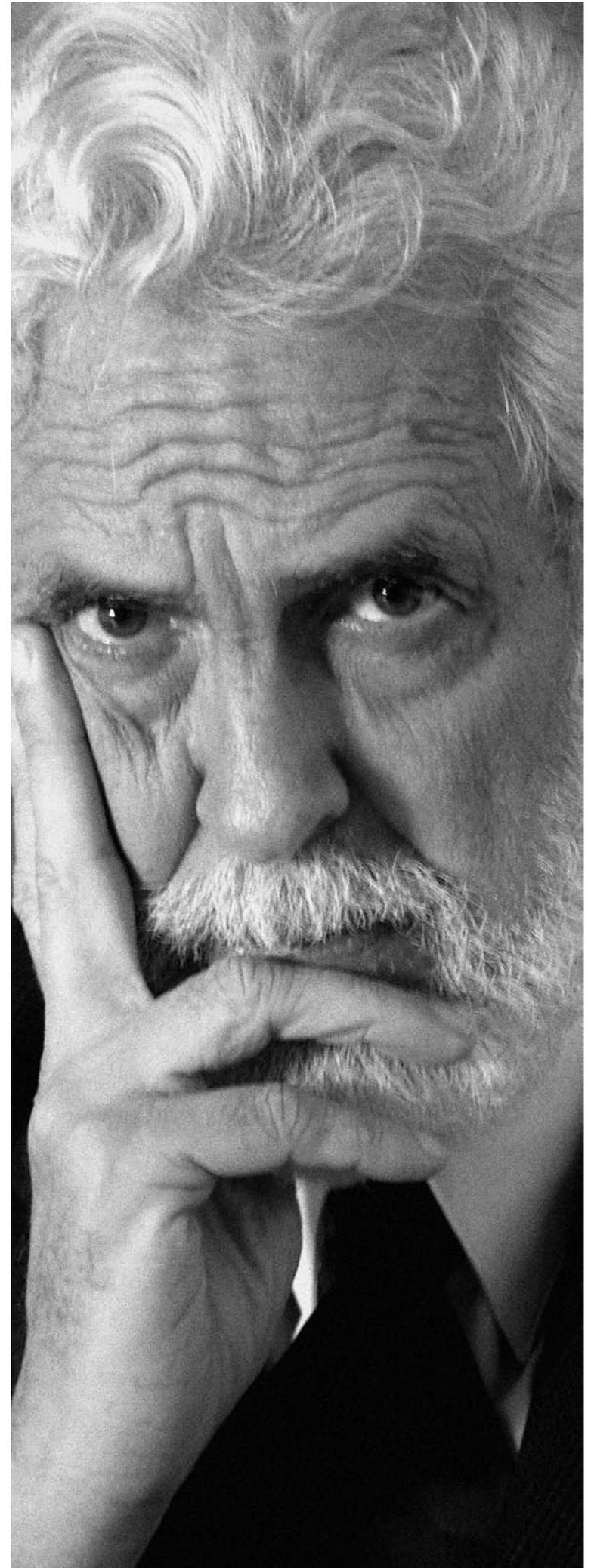
Ao interpretar Pilatos num espetáculo da Paixão de Cristo, padre Martinho conclui que João Paulo II e Bento XVI agiram corretamente ao abandonar a opção da Igreja pelos pobres, porque o próprio Jesus – o padre passa a crer – fora um agente romano infiltrado entre os judeus para divulgar uma nova fé bem reacionária, a de que se deve amar os inimigos e dar a César o que é de César. Daí o apoio de Pilatos a Cristo no seu julgamento, conforme um relato, concebido pelo padre, que teria sido feito por Prócula – o que uniria as pontas soltas do Evangelho, explicando até mesmo o sumiço de Cristo dos 12 aos 30 anos. Onde ele teria estado? Em Roma. E em Alexandria, no Egito, com o filósofo platônico Filon, o Judeu.

Após essa “descoberta” e decepcionado com os novos rumos do Vaticano, padre Martinho dispara contra o próprio peito, em plena Avenida Getúlio Vargas, em Pombal, mas, talvez por milagre, escapa. Para Lukács, “melancólico paradoxo”, o fracasso é “o momento do valor”, “a plenitude da vida”. Convalescente no hospital, o padre escreve a Rubens Bentancur, narrador do romance e alter ego do autor: “Cristo existiu!”. E arremata: “Mas infelizmente entendo o ódio dos judeus por ele”. No fundo, o padre não queria morrer, ele deu um tiro na fé, não no homem. Tanto que, poucas semanas depois, cheio de vida, concede uma alegre e divertida entrevista a Jô Soares sobre cinema, num dos pontos altos do romance.

Corrinha, uma das paixões de Martinho, diz num poema ao padre: “A religião cria mistérios/ como se não bastassem os que temos”. Não é preciso concordar com o narrador para saborear um romance (um cristão pode muito bem admirar *A Náusea*, de Sartre). Ele tem de ser provocador, sim, mas também precisa ser bem escrito e cativante, como o trabalho de Solha. Já se disse que a obrigação do escritor é escrever bem. Inquietante e ao mesmo tempo sereno, *Relato de Prócula* é filosófico, erudito e simples, retrata o povo e sua riqueza, traça um panorama da história humana desde antes de Cristo até o século XXI (“em breve cruzaremos com água sendo transportada em carros-fortes”), tem o sabor de clássico moderno. Os poemas de Corrinha, expressão de sua perplexidade diante do mundo e da vida, faz lembrar os versos vulcânicos do *Trigal com Corvos*, mas se diferencia deles graças à doçura feminina.

Um pouco à maneira de Osman Lins em *A Rainha dos Cárceres de Grécia*, Solha também faz ensaio no *Relato* e, em vários momentos, reflete sobre a construção da obra e como que brinca com seus achados, linguísticos ou históricos. Como em raros romances, nesse cruzamento lúdico e lúcido de gêneros, artes (literatura, teatro, cinema, música, pintura) e conhecimentos (religião, ciências, história etc.), o texto flui harmonioso e arrebatava o leitor. Nada falta, nada sobra. Poesia e prosa, mão segura de mestre, *Relato de Prócula* é o primeiro grande romance brasileiro deste início de século. Transborda beleza. Clássico, ficará como um marco na década, no mínimo.

Em favor da literatura, há alguns anos W. J. Solha deixou o teatro e a pintura. “A literatura é mais angustiante, pois você vai fundo na essência do ser humano. Mas é a mais rica, ‘visualmente’ das artes, além de permitir o pensamento puro ao lado da ação”, disse em entrevista ao site Diversos Afins, no qual se pode conhecer um pouco mais desse artista singular e de sua pintura.



HUGO ALMEIDA

escritor e jornalista, doutor em Literatura Brasileira pela USP,
é autor de *Meu Nome é Fogo* e *Viagem à Lua de Canoa*, entre
outros livros.

MONÓLOGO

Conto de Luis Gonzaga Vieira

- O belo é a coisa mais bonita que eu conheço!, dizia o professor.
Lúcio riu.
- Sério. Ele falou isso mesmo.
- Belo é o que agrada à vista. É assim que traduziam a frase no seminário.
- O sapo, na sua sapeidade, é um ser belo.
- Metafísica é gozação, né mesmo?
- Quando você compreende uma coisa dentro de certas proporções, a coisa é bela.
- Essa é boa! Eu compreendo muito bem uma putinha e não acho a coisa bela. Acho gostoso, o que é muito diferente.
- Mulher per se ou mulher per accidens.
- Quê?
- Nada. Brincadeirinha.
- Célio:
- Depois eu vou te mostrar um conto meu pra você dar uma criticada, tou muito inseguro.
- Não tá gostando mais do seu conto?
- Não sei. É aquele conto que até me curou da dor de cabeça quando terminei. Agora não tou achando muita graça nele. Saiu outro conto meu no suplemento. Depois você lê e comenta pra mim.
- É. Esse negócio de escrever e depois não gostar da coisa é foda.
- Eu tenho conversado muito com o Murilo sobre conto, sabe? O Murilo é perfeccionista, fica achando palavras mal colocadas no texto e não vê o resto. Você vê um cara passar 20 anos fazendo um livro de contos, pra que isso? E o Humberto tá ficando influenciado pelo Murilo, quer fazer a coisa muito certinha e não faz nada. O erro faz parte da obra, porra! Não tamos mais em época de perfeccionismo.
- Henrique no Pomar Mineiro:
- Não, que isso! Você sempre meteu o pau nele.
- De jeito nenhum! Até já discuti com a Marília por causa dele, acho o cara genial, sempre achei.
- Não vejo nada nele, comentou Renato. Só vejo nele o masoquismo do público. Levam cebola e bacalhau na cara e ainda riem, pô!
- Tou é sem vontade de fazer nada, meu! Gosto de ler mas fico olhando pros livros, acho mais cômodo.
- Então não lê, uai!
- Em casa fica todo mundo vendo novela, é todo dia, até as 10 horas, foda!
- Já leu aquele negócio do João Antônio?
- Negócio?
- A entrevista dele no suplemento.
- Li sim.
- Diabo! O cara fala que jornalismo atrapalha a literatura, mas cita o Wander que faz conto igual crônica de jornal.
- Ruim?
- Não é ruim não, mas os contos do Wander têm uma influência desgraçada de jornalismo.
- Ione:
- Este é o Renato.
- Prazer.
- Vai indo pra onde?
- Trabalhar.

- Passou bem de ontem?
— Passei. Por quê?
— Por nada.
— Vou entrar aqui no suplemento. Tiau.
— Tiau.
— Tudo bem, Renato?
— Tudo bem.
Adilson:
— A gente pode mandar conto já publicado pra revista da reitoria?
— Pode sim. Fica meio chato, mas pode.
— Chato por quê?
— Chato pra quem manda, claro. Fica parecendo que o sujeito tá se repetindo.
— Isso é muito relativo, como diria Chico, o Anísio.
— Quer dizer que pode mandar qualquer coisa?
— Qualquer coisa.
— Qual que é o prazo?
— Até o fim do mês você manda pra reitoria. Até o dia 15 do mês que vem a gente já dá o resultado e o Plínio manda publicar no jornal.
— O prêmio é pequeno, não?
— Acho não. Acho bom.
— Alô, Mário, tudo bem?
— Tudo bem.
— Onde é que vai ser a festa?
— Já foi!
Adilson:
— O que você acha da minha prosa?
— Não cheira nem fede!
— Mas aquilo pode ser poesia?
— Pode, por que não? Prosa poética.
— É porque eu não tenho mais poesias. Vou mandar uma dessas prosas pro concurso.
— Sabe a hora que o Ildeu aparece?
— Sei não. Acho que depois das duas ele aparece.
— Tem o suplemento novo aí?
— Tem. Olha lá na cadeira. Pode levar.
— Tem um conto do Célio nesse número. Ele falou para eu comentar.
— Humberto, tiau. Tiau, João Paulo.
— Até logo.
— Hem? Não, eu vou almoçar.
— Quer que eu prepare banana amassada com aveia e leite moça, meu filho?
— É bom, né?
— Trouxe o jornal?
— Esqueci. Tava na minha mesa e esqueci de trazer.
— A empregada ainda não chegou?
— Ainda não. Ela falou que vinha hoje, mas não disse que hora.
- O tempo agora está bom, a gente pode escancarar a janela pra entrar o ventinho.
— Esse jornal aí é de hoje?
— Não, é de domingo.
— Falei pro Ivan que, quando sair a chamada do meu pagamento, ele pode mandar o técnico consertar a televisão.
— Tá precisando mesmo. Se a gente quer ver um canal, não pode porque não pega nada.
— E o Cruzeiro, joga ou não joga?
— Sempre.
— Vai no Mineirão?
— Claro!
— Não. Você pode tomar o seu banho primeiro, depois eu tomo.
— Meu filho, jantar tá pronto.
— Tou indo.
— Tio, eu tirei nota oito em três matérias, olha a prova.
— Bacana!
— Fica quieto, Juninho! Será que vocês não aprenderam sentar na mesa até hoje? A gente ensina ensina e vocês não aprendem. Ó que dois!
— Porra! Tenho que ler um pouco, tou ficando vazio.
— É verdade que o Lúcio foi pros Estados Unidos?
— Parece que sim.
— Enquanto isso eu fico enterrado por aqui mesmo.
— Qualquer dia você arruma alguma coisa também. Afinal, você já foi na Argentina, não foi?!... Eu fui na Argentina, mas você foi na França, o Lúcio pros Estados Unidos e a Maria Tereza e o Ferdinando vão pra Estrasburgo. Eu queria ir lá pra Groenlândia.
— Fazer o que naquele buraco? Prefiro Betim!
— Sair do Brasil pra qualquer lugar.
— Quem é ela?
— Panicalismo.
— Quê?
— Reportagem sobre a Tradicional Putaria Mineira.
— Doidera!
— Vou publicar essa foto aqui, ó. É melhor.
— Essa não!
— Só porque a fulana tá com peito de fora?
Helga riu.
— Tou meio avacalhado hoje.
— Só hoje? brincou Henrique.
— Por enquanto.
— Depois vou te apresentar minha amiguinha e você fica melhor!
— Viu o jogo do Cruzeiro contra o Galo?
— Vou embora porque preciso almoçar na faculdade, tem horário marcado.
— Porra!
— Qualé, meu!

- Tá uma fossa tudo isso (como se dizia antigamente).
— O Brasil todo na fossa e, portanto, na merda.
— Já mudei pro meu apartamento, aparece lá em casa pra gente beber alguma coisa.
— Apareço. Inda mais com bebida!
Célio riu.
— Aparece mesmo.
— Apareço.
— Comprei televisão, a gente pode ver o jogo lá em casa.
Célio olha o relógio
— Olha, eu tou atrasado pro almoço, vou pedir a conta.
— Só mais uma cervejinha? propôs Henrique.
— A última então.
— A última.
Garçom:
— Mais alguma coisa?
— Cerveja e linguiça.
— Você ainda está apaixonado pela Bianca, Célio?
— Que isso, meu!
— Eu vou levar minha amiga na sua casa, pode?
— Pode levar quem você quiser.
— Vou dormir com ela no sofá.
— Pode dormir à vontade.
— A Marília não vai achar ruim não?
Célio riu de novo.
— Não sou eu que vou dormir com sua amiga.
— Mas a Marília pode achar ruim.
— Já aconteceu pior lá em casa. Você pode levar sua amiga e fazer o que quiser com ela. Afinal, somos todos livres, não?
Henrique também ficou rindo.
— Mais uma?
— Não. Agora não. Tenho que ir embora.
— Vou ficar aqui. Esperar o Waldir.
— Onde é que ele foi?
— Foi ver a namoradinha dele.
— O Waldir não gosta de mulher, ele gosta é de ter cartaz com as mulheres. O que interessa pro Waldir é ser apontado, falado, comentado.
— Narcisista?
— É?!
— Vai pegar um táxi?
— Vou.
Humberto pro João Antônio:
— O romance acabou no Brasil?
— Acabou não. Nem começou ainda! O que falta é romancista brasileiro.
— É verdade que jornalismo atrapalha a literatura?
— Jornal e literatura se prejudicam mutuamente.
— Mas a literatura brasileira você acha que vai mal?
- Vai bem. Sempre foi.
— Ele não falou mais nada de literatura? A história toda da literatura?
— Disse pouca coisa. Mas o cara é gente boa.
— Gostei muito do livro dele.
— Também gostei, com restrições.
— Tem escrito muito?
— Um pouco. Tou trabalhando num conto, mas não consigo terminar.
— Vê se dá um jeito de aparecer lá em casa.
— Vão ver, respondeu Renato abanando a mão.
— Te espero.
— Hoje não sei se vou, mas qualquer dia desses eu apareço.
— Você é foda, irmão.
— Já são 10 horas, meu filho. Tá na hora de levantar.
— Sei.
— Vai trabalhar hoje?
— Vou.
— Então levanta logo.
— Presta atenção, Juninho. Não está vendo o que está escrito aqui? Então por que você não lê direito?
— Tiau, vó.
— Vai com Deus, meu filho.
— Já pegou as fotos lá no departamento?
— Vi não. Olha na gaveta.
— As fotos já vieram?
— Ainda não.
— Não mandou as fotos lá pra redação?
— Mandei sim, estão todas lá.
— Essa reportagem sobre Millôr Fernandes tem fotos, depois você pega. Millôr, definitivo.
— Vamos almoçar?
— Ô Helga, espera que eu vou contigo.
— Não vai não, Renato?
— Não.
— Olha essa gravação aqui, dá só uma olhada, é sacanagem.
— Em vez de falar caralho, ela falava pênis!
— Suas cuecas não estão muito bem passadas não, mas eu pus uns remendinhos.
— Vem tomar café, meu filho.
— Essa fulaninha já está bem acabada. Viu as fotos dela?
— Gosto da temperatura do teu pênis. Mete, meu bem, mete. Assim.
— Reportagem sobre ela?
— É. Panicalismo.
— Que isso?
— Um trem contra a família mineira.
— Cada hora esse pessoal inventa um negócio de doido que nem esse.
— A Helga saiu?
— Foi almoçar.

- Sabe onde?
- Acho que foi no Margherita. Tenho certeza não.
- Obrigado.
- Nada.
- Negócio sobre futebol está aqui. Não encontrei a foto do Tostão de antigamente.
- Não esquece de pedir ingressos pro jogo amanhã.
- Esqueço não.
- Calor desgraçado!
- Bancários: 30% de aumento na justiça, menos os 10% que já receberam de abono, eles só vão ter aumento de 20%.
- E o ministro ainda falou que a greve é ilegal.
- Pro governo toda greve é ilegal. Eles têm cama e comida, têm dinheiro, não passam fome. Só sabem arrochar o rabo dos outros.
- Cinismo desgraçado!
- Não há democracia, o que existe é oligarquia.
- Estão cansados de falar em liberdade. Mas quem levar a liberdade a sério toma cadeia.
- Liberdade pra concordar com eles!
- Falar contra o governo é subversão. Ou não é mais?
- E o Papa? Ninguém leva a sério. Ou leva?
- Antigamente falavam Roma locuta causa finita, hoje não tem mais disso não, não tem locuta e muito menos finita, uma bagunça.
- Ta pensando que Adão e Eva existiram mesmo? Que nada! Tudo mito. Não sabiam explicar como as coisas começaram, então inventaram Adão, Eva, maçã, paraíso, caralho.
- E como é que a gente vai ensinar pras criancinhas?
- Não ensina. Colocar essas besteiras todas na cabeça dos carinhas hem!
- Tá o maior calor hoje hem!
- Dá uma preguiça desgraçada. Tudo meio cinzento, dói nos olhos.
- Acho que tou ficando com insônia. Fico mexendo na cama e só durmo depois das três horas.
- Eu não ensino nada pra Hildinha. Cada um fala uma coisa e eu não sei nada. Quando ela crescer, ela aprende.
- Mas e a primeira comunhão?
- Essa dona é puta?
- É não.
- Parece.
- Vai ver que é puta elegante.
- Vai ver que é questão de temperamento!
- Mas você acha que temperamento explica esse exibicionismo todo?
- O Délio vai trazer as crianças amanhã, pode?
- Pode sim.
- Ele vai ver o Cruzeiro.
- Renato também vai.
- Água chega só depois das seis.

— Eu espero.
 — Vou tomar banho primeiro, depois você toma.
 — Pode tomar que eu espero.
 — Não tem ninguém batendo na porta?
 — Ninguém.
 — O que vocês estão fazendo aí na sala?
 — Nada, vó.
 — E esse desespero todo, o quê que é?
 — Não é nada não, vó. Ninguém tá fazendo nada.
 — O sofá já grudou na parede, olha aí.
 — Não foi eu não, foi o Juninho.
 — Eu nada.
 — Os dois vê se ficam sentados na cadeira. E vê se não coloca o pé em cima da cadeira.
 — Por que você não pega essa dona?
 — Ela não quer nada comigo.
 — Tem certeza?
 — Eu também nunca fui de avançar nos outros.
 — Então avança, uai!
 — E agora eu vou ouvir novela, vocês vão sentar e sossegar.
 — Agora, se você continua com insônia, vai lá em casa bater um papo.
 — Fico com preguiça de sair de casa.
 — Então sai à toa pra rua. Você falou que gosta de andar à toa.
 — Gosto de ficar parado também.
 — Ah! Você está se fodendo porque quer.
 — Fico oscilando muito.
 — Hem?
 — Cada hora quero uma coisa. Se saio pra rua, logo tenho vontade de ficar dentro de casa. Estou dentro de casa e fico com vontade de sair pra rua.
 — Mineiro não é o sujeito que nasce em Minas não, é uma doença.
 — Fica todo mundo orgulhoso porque mineiro pensa e sofre muito, coitadinho, como se isso fosse motivo de orgulho.
 — Masoquismo.
 — Só pode.
 — Esquizofrenia igual da Maura Lopes Cansado, conhece?
 — Conheço. O livro dela é muito bom.
 — A maior parte das pessoas que ela encontrou no hospício eram de Minas. Eta nós hem?
 — Coincidência!
 — Coincidência porra nenhuma!
 — Pior é que você, além de mineiro, gosta de lamentar, escreveu até um livro chamado Jeremias.
 — Vamos ver se a lamentação vira obra de arte.
 — Tudo é possível!
 — Machado de Assis aproveitou o masoquismo, Freud e Bela Bartok aproveitaram o câncer, Genet aproveitou a pederastia, Henry Miller

aproveitou a miséria e a fome. A lista é grande, meu. Sade, Gide, Husserl, a cegueira de Joyce, a bebedeira de Fitzgerald e Faulkner, uma porrada!
 — E você?
 — Eu?
 — É. Você.
 — Essa é ótima! Masoquismo, sadismo, inquietação, anos e anos de educação católica, anos e anos de seminário, alguns anos de banco, idade de um fodido, sem futuro, encurralado, porra! Fico dentro do quarto e sinto um vazio desgraçado. Parece que vivo sempre procurando um trem pra me encher de alguma coisa (de fumaça) e nunca encontrei nada.
 — Então para de procurar, porra!
 — Você sabe que futebol também me diverte muito?
 — É o que te falei. Futebol é catarse, válvula de escape.
 — Mas o que me impressiona é a passividade da tropa.
 — Um pouco de passividade não faz mal a ninguém.
 — Se o Cruzeiro perder, em vez de catarse vira é masoquismo.
 — Perde hoje, ganha amanhã. Negócio é assim mesmo, uma cachacinha hoje, uma cervejinha, uisquinho, vinho, beleza de jogada.
 — E da revista, não esqueceu não?
 — Sábado na livraria a gente se encontra, é isso?
 — Isso aí.
 — Te espero então.

LUÍS GONZAGA VIEIRA

mineiro de nascimento e jacarepaguaense por opção, foi um dos criadores da revista Estória em meados dos anos 60.

CARTA DE ALFOR(RIA)

Maxs Portes

Te escrevo, amiga, a carta por costume
das sombras perturbadas mas concisas,
que ao rés-do-chão dessa morada antiga
nem mesmo à porta isenta a solidão
de aguardar por um tempo que vem vindo
num arco-íris feito de surpresas;
quando o poente ensaia, na janela,
esse amanhar das horas já (tar)dias.

E tanto o coração vela em respingos
de luz (feito um inspirar de sós em mim),
que ao só de estar sozinho atencam – muito –
as palavras restantes na garganta.

) Igual sereno, que resguarda o pranto
de quem ousa lavar à luz dolente,
– entre as paredes inventando o quarto –,
um verso aprisionado nos contrários;

pois fora a geometria dos espelhos
na correição da tímida esfinge,
vivo o irreal e, às vezes, me interrogo
se, transitório, é o infinito, assim. (

... quando somente o dia se refaz
na sombra passageira pelas horas,
em mim o escuro é tanto solitário
que a noite alenta um ríspido silêncio
para alcançar – num grito recolhido,
todos os seres nos (origin)ais.

Te escrevo, amiga, a carta que não mando
se a finitude do ser alenta o
sonho ao derredor da luz, e, à sombra,
incorpora – nas formas iludidas –
o dia-a-dia em sua dimensão
cotidiana e plena, em cuja fala
ecoa esse (descon)fiar medroso
que os tempos de um só tempo (vivi)ficam.

) E em não sabendo em que findadas foram
as vezes já demais anunciadas,
semeei um plural de antigos gestos. (
A voz que cala na garganta em (ar-
-re)medo da fala, essa não fala:
afaga o só no derradeiro instante.



Mas, dentro do silêncio, a abstração do nós, pela expectativa inclusa do não dormir (... se o caos é a plenitude de uma visão modesta do humano).

De resto e fato, o mundo é sem fronteiras para o resgate do você e eu – na soma cadente desta utopia que é certa, apenas, na expressão do (in)útil.

Te escrevo, amiga, a carta sem palavras no momento em que as horas desconjuram esse negror que o próprio escuro nega e acende um claro enigma – difuso – na silente manhã de (arre)prios desenhando penumbras no meu ser. E, no meio dia, sou a minha sombra enquanto me divago pelo escuso delírio de mim mesmo. Enfim, quem sou neste outro eu cujo silêncio arqueja a caminho de um dentro? E quantos rostos de outros eus enraizados foram ardentes somas de um total confuso?

Liberto da corrente, o pensamento flui a povoar a frágil existência de um breve a consumir o próprio cerne em síntese que dorme e se alimenta no contágio, afinal, desta vivência que é sombra só – somente a minha sombra – desenhando penumbras no ser(eno).

Te escrevo, amiga a carta (con)sumida. E o que fazer com a palavra, quando meu sonho premedita o silêncio? Se sempre me ocorreu foram somente as minhas mãos estendidas? E quando

da luz raiada – em paz diurna – atenta, se envolve à busca e atrai severas penas na empreitada do irreal, e recolhe do instinto imaculado o seu conflito?

Mas não sou eu quem sonha, é minha alma, porque não conta de ansiedade. E, palma, compõe o espaço onde não caibo em mim. Quem dera a alma fosse apenas sombra

a me prover de espanto inútil que retém o sonho – mas não há sonhado por onde me errei quase motivos.

Te escrevo, amiga, a carta pelo (in)verso. Que importa a rima e o metrificado? Um susto não se mede. Um sentimento, quando aflorado das fatais raízes, é uno e tão somente o além de nós na carência do ser desamparado.

Da janela contemplo a coincidência: No azul pairado, descreve a ave a sombra da própria identidade pelo espelho de um céu a dispensar o esplêndido espaço a seu louvor.

A ave tece o breve sem saber, dependurando as nuvens nos seus pés. E dela escapa um chilro pelo vento que inventa a tarde solitária e atenta.

E, galopando o ar, decerto insabe que a sua sombra é o próprio pensamento do homem nas entranhas assustadas de um chão que não é chão – só transitório, se tem as asas de voar por dentro.

Te escrevo, amiga, a carta por engasgo de tempo na memória (como)vida, pois a vida não faz questão alguma senão vivê-la. E, por viver-se, após as sobras do que foi, se passa a limpo num caderno de sonhos anotados. E só o que ficou no imaginado foi a vivência, ao tudo (con)sentido.

(E o que é o existir, se nada alenta o avesso pleno, estando já o vazio da voz em bravas ironias? Quando a luz acende o escuro para as faces mirarem por si mesmas nesse acaso que nunca se conclui, mas se renova num absurdo jeito de perdão – como tarefa simples da vivência?)

No esplendor da manhã de dias tidos, ser sombra e pedra é o Ser que não se nega e brilha em seu acaso taciturno, na lucidez do só em cada (aur)ora!

Te escrevo, amiga, a carta (in)esperada, apenas para usar nosso papel de fato e, não, o que é folha branca à espera desta tinta que a possua.

São tantos os segredos aflitivos na vigília atenta da memória, que a ela, sub-reptícia, assombra esse amanhar do beijo em minha boca – na carência do gesto.

Por exemplo, muitas palavras ficam no abandono do inconformado instante cabisbaixo, e em tímido protesto – quase exausto – no pensamento.

E é quando aflora a trama submersa nos detritos amargos da razão que pressente o mal e o ignora ao brilho que a paixão alenta as trevas.

Mas, no percurso deste labirinto (quando o falso, em distração ao conciso, fruir da dúvida o desencanto), tudo se somará a dividir no engasgo, a solidão pelas escusas; no riso, o sério a crepitar na voz; na fuga, os rumos sem sequer seus ondes. E, no ar, alçando vôo, esses destroços.

É quando a solidão – guarda noturno – apita ao trânsito da incoerência em meio às luzes colorindo ruas que transitam, abissais, na contra-mão do tempo, múltiplo, atropelado. E, estendido no chão, da pedra aflora a sua sombra na morte do real, onde a plateia somos – por nós mesmos – os contendores e contemplativos.

(E a sombra é a soma dos contrários na medição da luz, se projetada ao corpo roto a matinar caminho

de se seguir por dentro dele próprio.
E tanto é, que rastreia o pensar
na penumbra perturbada e atenta,
no que se move pelo obscuro
viver austero do inimaginado.
Assim, nos corredores da memória,
além da solidão, transitam mágoas
até desconhecidas por bom senso,
na corrosão do ser em seus limites.)

Então, vamos nós dois, já maquilados
– do picadeiro que nos sobra em espaço –,
à encenação de orgásticos (apla)usos.

Assim, amiga, a carta não te envio,
enquanto alço vôo no silêncio
onde o vazio cabe as esperanças
de alguma coisa além do não sabido.
(O instante de amar recobra o tempo.
Suspense de suspiro. Mais: o pêlo
nos guardos do passado se arrepia
em lençol de memórias quando, manchas
do que foi em sempre acontecido,
são hoje só sinais acabrunhados
de orgasmos e sussurros pelo quarto
– o mesmo agora que nos rememora.
Pois seja, para nós, um tempo em outro
se, de repente, o que não fomos mais
– também não importa o de haver mudado.)

Fica na boca um sabor de vivência
Que soma ao paladar um gosto amargo.
Mastigo as ilusões tão remoídas
– difíceis mesmo de engolir a custo.

Sobre a mesa, o café cheirando a mofo.
O jornal em silêncio, sem ser lido.
O pão dormido em dias de abandono
e as palavras restantes, na toalha.

Na luz do sol em réstia pelo chão,
o pó do tempo, vagueando, lembra
chuva de estrela remoída. E só
o respirar do meu silêncio arqueja
se, ao envolver em lúcidas memórias,
não pode o Ser – em desalento antigo –,
arcar com a leveza do seu pranto

apenas por consolo, e tão somente.
Exige é mais: do tempo confinado,
a soma de si mesmo. O resto em outro,
se certo ao que já fora – e a este tanto –
ficara por não ser o já ter sido!

Assim se há, numa delonga apensa
aos suspiros das noites cismarentas,
um avesso da pálida medalha
de dois rostos gravados na penumbra
da frágil reticência consentida.

E, agora, vês: persisto nesta casa
que não existe mais – e permanece,
porquanto (trespassados nas paredes)
o fim renova o início da existência
pelas tramas do Ser em seu percalço,
feito sombras de dois já não contidos
num círculo a envolver o pensamento
– nessa duplicidade sem culpados.

Se numa alada ausência de um tropeço
remendo os rumos todos do destino,
já, nenhum, sequer, contemplo – anterior –,
ao que acrescenta a fuga por mim mesmo.

Eu, pássaro outonal, ressaibo a chão,
pois nada além do ar pesa-me a forma
do ser, já plenilúnio nestes gestos
cativos
deste doído (sonha)dor.

MAXS PORTES

é mineiro de Caratinga. Jornalista, escritor, bacharel em Comunicação e pós-graduado em mídia eletrônica: Rádio e TV. Autor de 48 obras e detentor de 54 prêmios literários. Foi diagramador do SLMG na década de 70.

Como deixei de ser Deus

Márcio Almeida

Corre no país o chiste de que 99% dos juízes, promotores, políticos, artistas midiáticos, acadêmicos, jogadores de futebol, pastores e quejandos têm forte propensão a acharem que são Deus. 1% tem certeza. O livro de Pedro Maciel (Topbooks, 2009) contém o DNA da nova boa literatura brasileira em nível de narrativa de ficção. Sem favor algum, insere-se *Como deixei de ser Deus* entre os (poucos) livros realmente inovadores publicados no país na atualidade. Maciel detona o grande código, Deus, e põe em xeque a autoridade dos discursos teológico, filosófico, exegético e literário. *Deo gratias*.

O autor dialoga com a intertextualidade e, em estilo polissêmico, imprevisível, oferece aforismos e epifanias a leitores bem preparados para impactar novos parâmetros literários, que põem Deus em questão. *Como deixei de ser Deus* não é um livro para amebas felizes ou o leitorado dos regozijos triunfalistas.

Até mesmo para brincar com Deus é preciso ter competência. Einstein teve. Carl Sagan teve. Maciel tem. Entre o lírico e o retórico, condensado em frases e enunciados pluridiegéticos, o pensado e o irônico, o autor estrutura uma babel com oráculos de ruínas, coralidade de vozes múltiplas, científicas, religiosas, seculares e profanas, datações imprecisas, desconstruções apócrifas, filosofismos metafóricos, tudo com uma única certeza: Deus é a grande ficção.

Maciel faz um livro perquiritivo de Deus sem cair na escatologia, no drama triplo da crise-sentença-vindicação. Sem elucubrações tardo-religiosas metafísicas, teologias de bolso, opondo-se naturalmente à mentalidade confessionalista de gueto. Sem se expor à esparrela dogmática, à doxa dos radicalismos dominicais e dos agnósticos do colunismo jornalístico. Sem mais um apocalipse

now ou passadiço, sem posicionar-se como um sempre charríssimo *antichristus mysticus*.

Além de passar um tsunami na estrutura canônica do romance, com os seus tradicionais narrador(es), personagens, coadjuvantes, ação em crescendo rumo a um *grand finale*, desenvolvimento real-imaginário com descrições manjadíssimas, criando uma leitura lúdica como o tabuleiro de xadrez cortazariano em “O jogo da amarelinha” (p.ex.) – Maciel põe o “gênero” em pânico e, muito mais do que simplesmente inovar, propõe uma escritura palatável, culmina um livro de leitura saborosa posto que inteligente, sagaz, absorvente como um modess para sangrias mentais desatadas.

Mérito próprio deste livro está em o autor ter formulado uma questão interessante e emblemática até agora não observada em sua fortuna crítica: o narrador, ao deixar de ser Deus, supõe o homem capaz de se assumir humano, ser mortal, o que pressupõe, por sua vez, que Deus continue a existir, por isso Ele é o inexistente imprescindível, que persiste como objeto de re-reflexão.

Maciel projeta-se no livro como um filosoeta que pensa o tempo o tempo todo – o tempo em si, o tempo no tempo, o tempo no espaço, o tempo sem física: *não me importo com as coisas perdidas mas com o tempo perdido* (21) – *por enquanto este é ainda o tempo da tragédia, o tempo das morais e das religiões* (25) – *o olho da memória, com o tempo, começa a usar óculos* (29) – *o espírito permanece no tempo e não no espaço. Jamais tive outro cárcere além do meu corpo* (31) – *sobreviver além do meu tempo. O tempo já não me é tão longe de tudo* (41) – *o que perdi senão o tempo? Ninguém viveu no passado, ninguém viera no futuro; o presente é a forma de toda vida* (69) – *só o tempo chega* (77) – *preciso de tempo para ser breve* (79) – *o tempo sempre anda mais devagar do que o pensamento. pensamos que somos eternos* (101) – *cada tempo é uma história* (113) – *entre-tempo: sempre penso naquele espaço do tempo entre ser e não ser* (119) – *o tempo vai-se, e os anos chegam...* (123).

Tais reflexões não são invencionices, têm uma origem: Maciel treinou a escritura de *Como deixei de ser Deus* nos últimos anos (ou talvez, a vida toda), publicando breves ensaios nos jornais O Globo, Jornal do Brasil, Folha de São Paulo, entre outros veículos e, hoje, reproduzidos no site Cronópios, onde apresenta suas fontes epistêmicas básicas. Em relação ao fator tempo, é o caso de Blaise Pascal (1623–1662), a quem dedicou “A transcendência da condição humana”, físico e matemático em cuja obra “Pensamentos” tenta justificar a fé pela razão. Maciel *dixit*: “Pensamentos” é um

O NARRADOR, AO DEIXAR DE SER DEUS, SUPÕE O HOMEM CAPAZ DE SE ASSUMIR HUMANO, SER MORTAL, O QUE PRESSUPÕE, POR SUA VEZ, QUE DEUS CONTINUE A EXISTIR

conjunto de notas e rascunhos que deveria servir para a redação da “Apologia do Cristianismo.” O livro de Maciel tem a mesma estrutura fragmentária e provisória da obra pascalina. Em sua leitura, Maciel como que antecipa seu próprio *modus operandi* no livro em pauta: “Temos de ser capazes de ver, nos textos incompletos, nas frases interrompidas, na miscelânea dos assuntos, na brevidade das fórmulas, na desordem das citações, a mais profunda meditação que já se fez sobre as tensões que definem as relações entre o homem e a transcendência que o supera pelo terror, pelo temor e pela piedade” (Cronópios, 8/7/2009). Seu livro é isto.

Símbolo caro ao livro, a sombra (*a minha sombra nunca usa máscara*, 43 – *minha sombra olha por mim*, 61 – *sombra, ilusão do tempo*, 113) tem referência pinçada no autor de “Elogio da sombra”, e prova disto é o artigo macielino intitulado “A eternidade nos labirintos de Borges” (Cronópios, 25/7/2007), justamente sobre “Elogio da sombra”. Referência por excelência, este livro é espelho para Maciel, cujo comentário de Borges é também pertinente ao seu próprio livro: “O tempo ensinou-me algumas astúcias: evitar os sinônimos (...) preferir as palavras habituais às palavras assombradas; intercalar em um relato traços circunstanciais, exigidos agora pelo leitor; simular pequenas incertezas, já que, se a realidade é precisa, a memória não o é; narras os fatos (...) como se não os entendesse totalmente.” Maciel cria o epíteto “iluminista das sombras” para João Gilberto Noll, cuja obra comenta no Cronópios de 28/9/2007. Em outro livro, “O narrar uma história”, no qual Borges afirma: “Acho que o romance está em declínio. Acho que todos aqueles experimentos bastante ousados e interessantes com o romance por exemplo, a ideia de deslocamento temporal, a ideia de a história ser contada por diferentes personagens – todos eles conduzem ao momento em que o romance não estará mais entre nós” – Maciel conscientizou-se da natureza revolucionária do seu romance. Borges pode ter também iniciado Maciel na leitura do tempo e na técnica das citações, pois no citado artigo para o Cronópios, o mineiro cita outro aforismo consentâneo à sua dicção intertextual: “Muitas vezes descubro que estou apenas citando algo que li tempos atrás, e isto se torna uma redescoberta.”

Muitos aforismos de *Como deixei de ser Deus* foram originalmente publicados no Cronópios (26/4/2005). É só conferir: *que quer o tempo? suspirar – que quer o templo? – guardar*. Estes, por sua vez, têm procedência em Kafka – “Contos, fábulas e aforismos” (tradução de Ênio Silveira, Civilização Brasileira) também objeto de leitura de Maciel (Cronópios, 17/10/2007).

O romance de Pedro Maciel permite múltiplas leituras. Do *big-bang* à teoria de um colapso cosmológico, dele se deduz uma certeza: a de que Deus é sedução.

As incursões de Maciel têm outras procedências e uma delas, com toda certeza, é E.M.Cioran (1911–1995), a quem dedica o artigo “Cioran e a arte da provocação” (Cronópios, 15/3/2008), comentando o livro “Exercícios de admiração”, no qual identifica “o autor de aforismos, silogismos e brevíários, desvenda o universo literário de Samuel Beckett.” Maciel é o próprio Malone empreendendo em *Como deixei de ser Deus* “um monólogo após o fim de algum período cósmico”, com “a sensação de entrar num universo póstumo, em alguma geografia imaginada por um demônio, livre de tudo, até mesmo de sua maldição.” E lá está também Beckett a levar Maciel a pensar o tempo: “O tempo que temos para passar na Terra não é tão longo para que o utilizemos em outra coisa além de nós mesmos.”

E essa utilização do tempo em causa própria reflete o que talvez identifique muito o romance macielino, de que, aliás, ele tem amplo conhecimento: o *portrait littéraire* que, segundo Saint-Beuve, “é uma forma utilizada para produzir nossos próprios sentimentos sobre o mundo e sobre a vida, para exalar com subterfúgio uma certa poesia oculta.”

Isto é feito com a “arte da provocação” de Cioran, encontrada também em Baudelaire, nos apócrifos, nos autores da teologia negativa. Ao citar aforismos como *peço a Deus que me livre de Deus* (53) – *por que voltar a ser eu mesmo?* (59) – *após certos acessos de eternidade e de febre, nos perguntamos por que razão não nos digamos ser deus* (65) – *Deus não se revela no mundo* (73) – *Deus, inspiração dos pirados* (85) – *Deus nada pode sem nós. O sonho de Deus é viver a minha vida* (93) – et alii, literalmente, Maciel provoca: a si mesmo, o

leitor, os pensadores oficiais, laicos e seculares – provocar é ensejar o outro a pensar diferente, a pensar a diferença. Diria, então, Cioran, no recorte macielino: “Competir com Deus, ultrapassá-lo mesmo apenas pela força da linguagem, esta é a proeza do escritor, espécime ambíguo, dilacerado e enfatado que, livre da sua condição natural, se entregou a uma vertigem magnífica (uau!, puta oxímoro, grifo meu), sempre desconcertante.”

Quem tem o hábito de pensar além do próprio espelhumbigo, ao ler o romance de Maciel lembrar-se-á de Rorthy, quando este propõe “abandonar a pretensão metafísica exigida das relações da razão humana com a natureza das coisas”, o que implica “na negação da possibilidade de uma compreensão platônica da realidade como a relação entre as ideias e as palavras ou enunciados sobre esta realidade.” Por isso, justificando mais uma vez a inovação romanesca de *Como deixei de ser Deus*, já não se poder recorrer a fundamentos ou

metanarrativas. Em lugar destes recursos, olha Rorthy aí de novo, postula-se na pós-modernidade o conhecimento “contextual”, “pragmático”, “funcional” e “relativista.” Assim, pensar a questão deílica na atualidade implica em optar *sine qua non* pelo pluralismo e o relativismo, em cujas epistemes a verdade é “aquilo que é vantajoso crer.” Maciel dixit: *Platão dispersa sua crença por diversas formas: diz no Timeu que o pai do mundo não pode ser designado; em As leis, que não devemos inquirir sobre seu ser; e em outros momentos, nesses mesmos livros, faz deuses o mundo, o céu, os astros, a terra e nossas almas. Graças a Deus que ninguém é Deus!* (19) – *Perseu, discípulo de Zenão, sustentou que haviam sido cognominados deuses aqueles que trouxeram algum benefício notável para a vida humana (...)* (23).

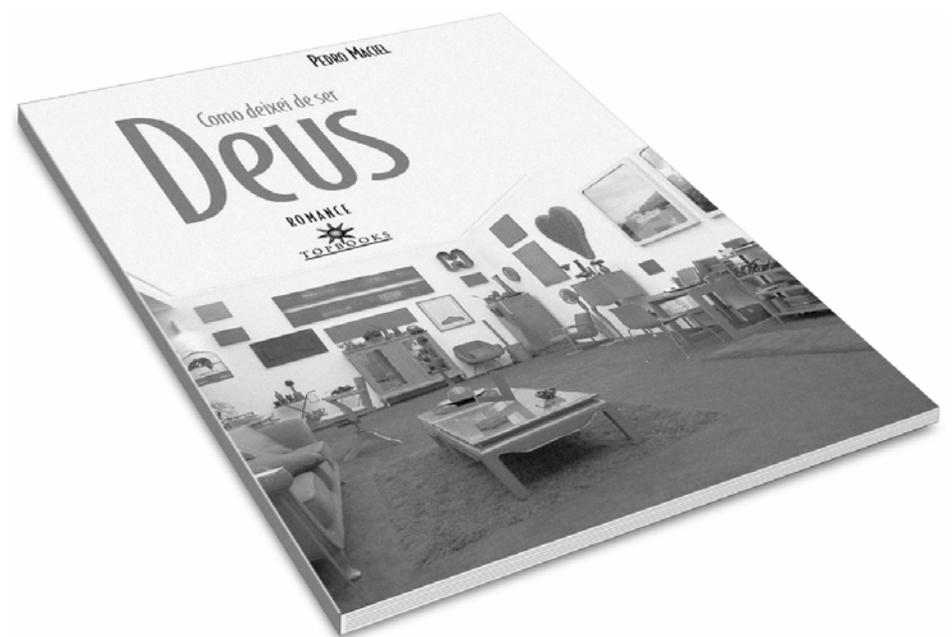
A concepção deílica de Maciel, com início nos mitos anímicos e pensares pré-atomistas, cujos elementos forjam o universo, a história, a memória, o esquecimento e a lembrança, se expande como tempo na cosmologia dinâmica e chega à pós-modernidade com a assertiva irrefutável de George Smoot e Keay Davidson em “Dobras do tempo” (Rocco, 1995): “nenhuma teoria é sagrada” (13). Daí a conclusão do autor pelo viés de Diógenes: Deus é o tempo (21).

Quem estiver mesmo a fim de curtir *Como deixei de ser Deus* com maior profundidade, valorizando não apenas a magnitude do romance como a si mesmo, como leitor de acuidade, – identificará na intertextualidade

um Nietzsche nas entrelinhas do eterno retorno do mesmo, da genealogia da moral e do anticristo: *por enquanto este é ainda o tempo da tragédia, o tempo das morais e das religiões* (25) – *ele não sabe quem foi, quem é e quem pode ser. às vezes ele olha para si como se ele fosse outro apesar de ser o mesmo de sempre* (39) – *do ponto de vista moral, nós vivemos ainda na era neolítica, quer dizer, não somos completamente rudes e, no entanto, não saímos de um estágio da maior rusticidade ou que possa justificar qualquer celebração* (59).

Além da antinomia Deus × ciência, os aforismos macielinos põem na roda da reflexão a enteléquia, que se encontra no todo do livro como ideia de télos do desenvolvimento infinito, da humanidade como infinita razão, entendida como aquilo que ordena necessariamente o homem segundo sua própria decisão: *onde eu posso ser apenas um ser abstrato? Quando a palavra recupera o seu sentido exato?* (81) – *sou o Deus de mim mesmo* (93) – *por que tanto esforço em ser como eles? um dia serei eu o outro* (109). A dialógica chega também à ascese intramundana bergsoniana, através da desmistificação procedida na linguagem. A propósito, *Como deixei de ser Deus* tem muito a ver também com Weber, que pensa o homem entre uma teodiceia do bem (ser humano e ser capaz de se pensar humano e em Deus) e uma teodiceia do sofrimento (saber-se limitado pela finitude, pela racionalidade que provoca a renúncia do homem à transcendência em função de sua sobrevivência): *estou a um passo de tornar-me um ser humano. Por muito tempo me sentia como se fosse um deus qualquer* (123) – *ele só recuperou a saúde mental depois de dar adeus aos deuses* (127).

O romance de Pedro Maciel permite múltiplas leituras. Do *big-bang* à teoria de um colapso cosmológico, dele se deduz uma certeza: a de que Deus é sedução. Ele faz pensar. E nisso está o que anima o homem a ir em frente: o deusejo. Mesmo porque, já o disse Robert Milikan – Deus ainda está de serviço. Sirva-se.



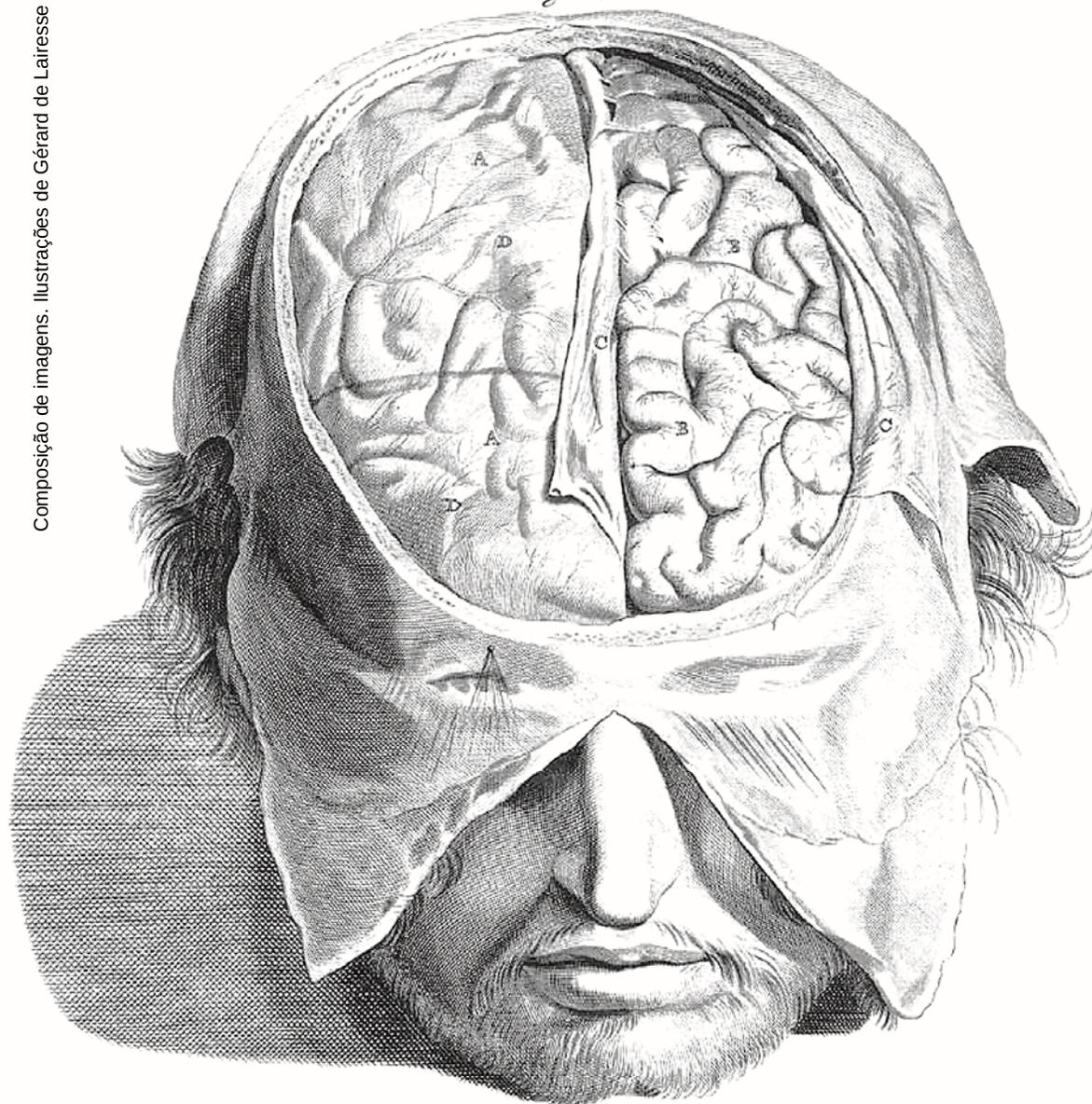
Como deixei de ser Deus – Pedro Maciel
Topbooks Editora

MÁRCIO ALMEIDA

é mestre em Literatura com especialização em Ciências da Religião e Filosofia, poeta, minificcionista, crítico de raridades. Vários livros e prêmios, como *Têxtase* e *Foolturo*, na Germina.



Fig. 2.



Composição de imagens. Ilustrações de Gérard de Laresse (cabeça) e Charles Tunnicliffe (pássaro)

Conto de Luiz Roberto Guedes

Não sei do que vou falar hoje. É só trabalho, pressão, preocupação. Muita coisa na cabeça. O deputado está em campanha de reeleição, e eu, como chefe de gabinete, tenho que coordenar mil compromissos. Mas aconteceu uma coisa, semana passada, que ficou na minha cabeça até agora, sei lá por quê.

Foi de manhã: desci pra garagem às sete e meia, como sempre. Já ia dar partida no carro, quando vi que não tinha mais nenhum cigarro no porta-luvas. Saí do carro, subi a rampa até a calçada e comprei quatro maços na banca de jornal em frente ao meu prédio.

Parei um instante no alto da rampa pra abrir um maço e acender o primeiro do dia. Acho que eu estava assobiando o novo jingle da campanha do prefeito, que é nosso aliado. Olha que meu assobio é meio desafinado, mas essas musiquinhas grudam no ouvido da gente.

Aí alguém falou comigo:
— Tá contente, né, filho da puta?

Uma voz grossa, raivosa. Pelo jeito, alguém aborrecido com meu assobio. Procurei quem falava, vi o homem deitado na calçada, atrás de uma fileira de vasos de plantas que decoram a entrada do clube ao lado do meu prédio. Era um velho de cabelão branco, barba branca e uma roupa de cor indefinível, de tão suja. Reparei

Muita coisa na cabeça

que já conhecia o sujeito de vista. É um pedinte que anda pela região. “Anda” é modo de dizer.

— Me ajuda aqui com a cadeira – ele rosnou.

Esse mendigo costuma circular pelo quarteirão numa cadeira de rodas, chacoalhando uma cuia de metal com moedas. Ele não pede nem agradece a esmola: só sacode a cuia, tilintando as moedas.

— Ajuda aqui, porra – ele estava impaciente.

Ele não tem a perna esquerda, nem a mão canhoto, amputada um palmo acima do pulso. Nem imagino como ele faz pra se ajeitar sozinho na cadeira de rodas. Eu vacilei, claro. Tinha saído do banho, estava estreado um terno sob medida. O que ele podia fazer? Me insultar, berrar um monte de palavrões? Mas a cara dele era tão feroz que acabei obedecendo.

Fui até ele, suspendi aquele peso-morto pelos sovacos e o ajudei a encaixar a bunda na cadeira. A roupa ensebada dele roçou na minha, o cheiro azedo ardeu nas minhas narinas. Eu tenho refluxo, senti o café da manhã voltar à garganta.

Em vez de me agradecer, ele me despachou:

— Pode ir. Vai, passarinho: continua assobiando.

Não sei por que, me senti envergonhado. Acho que por medo do vexame. Algum vizinho podia sair do prédio e ouvir aquele mendigo falando comigo daquela maneira.

Voltei depressa à garagem e pedi ao Raimundo, o garagista, um pouco de álcool pra lavar as mãos. Confidencialmente: o deputado sempre lava as mãos

com álcool depois de cumprimentar muita gente. Ele é hipocondríaco, morre de medo de germes e bactérias.

Bom, nem sei por que estou contando isso. É que estranhei a agressividade do mendigo. Parece que ficou ofendido com o meu assobio, veja se pode. Como se eu devesse alguma coisa a ele. Pois é, isso ficou na minha cabeça, sei lá. O engraçado é que, mais tarde, me lembrei de uma coisa que me diziam quando era criança: que Jesus, às vezes, se disfarça de mendigo pra testar a bondade das pessoas. Que besteira, não é?

Ah, o tempo acabou? Bom, preciso correr, vai ser um dia daqueles.

Tenho uma reunião com um grupo de artistas que tem propostas para a área da cultura. Vamos mostrar que o deputado tem interesse também no setor cultural, não só em segurança. Vamos acrescentar algo mais à imagem dele de Inimigo N° 1 dos bandidos.

Mas o homem vai fácil pro terceiro mandato, pode apostar. Nosso eleitor fiel gostou muito quando o deputado puxou o revólver no trânsito e matou o assaltante que abordou seu carro.

LUIZ ROBERTO GUEDES

é paulistano, poeta, escritor e tradutor. Entre suas obras está *O mamaluco voador* (Travessa dos Editores, 2006).

edimilson de almeida pereira

homeless

t o t e m i t e q u e

a pedra
o sabiá
a
palmeira

a g i z

a h e r a n ç a d e
v o r a o d i a e a

os mortos chamados
num copo de água
sugam o sopro de quem
os evoca os mortos
apreciam um corpo
sem erros : pela
delícia de sua conversa
fazem de tudo para
adiar o segundo não

n o i t e e o s d e v o l
v e à n o s s a c a b e ç a

o silêncio entre as p a
l a v r a s g r á v i d o

s ó o r e l â m p a g
o

p a r a f e n d ê - l
a e m n o m e d
a o r f a n d a d e

EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA
nasceu em Juiz de Fora, MG. Sua obra poética está reunida nos volumes *Zeosório blues* (2002), *Lugares ares* (2003), *Casa da palavra* (2003) e *As coisas arcas* (2003). Em 2005 saiu *Signo cimarrón* (Mazza Edições), em castelhano.